

4 Os Discursos sobre a Escrita Chinesa

A palavra, em chinês, é algo totalmente diverso de um signo que sirva para a notação de um conceito. Não corresponde a uma noção cujo grau de abstração e generalidade se faça questão de fixar de maneira tão definida quanto possível. Ela evoca um complexo definido de imagens particulares(...)²¹¹

A escrita figurada tende a preservar algo do seu valor etimológico. Mas pouco importa que efetivamente conserve ou não o sentido primário; não importa que a reconstrução etimológica seja imaginária ou exata; o essencial é que as grafias proporcionem o sentimento de que as ideias continuam ligadas a emblemas verdadeiros.²¹²

Os caracteres [chineses] sempre mantiveram seus significados, independentemente de sua pronúncia variada em diferentes dialetos e em diferentes períodos históricos.²¹³

A questão linguística é se a escrita (ou a linguagem visual) é conceitualmente ou cientificamente dependente do som.²¹⁴

*China (...) is the land of the arrested developments, and consequently its writing has remained for probably two thousand years at a rudimentary stage.*²¹⁵

Este trabalho pretende apresentar alguns dos discursos e estudos sobre a escrita chinesa, como estes autores veem sua relação com a língua e a cultura chinesas, como pensar sua estrutura como um sistema semiológico e seu importe iconográfico.

Como vimos, a escrita chinesa tem características muito especiais e particulares. Ela pode ser considerada, junto com outras escritas mortas, como o maia e o sumério, uma escrita de base morfofonêmica, ou seja, onde aparecem com proeminência no sinal gráfico escrito, indicadores de sua pronúncia fonética e de seu significado. Neste capítulo serão mostradas discussões sobre a relação fonética/semântica que permeiam todos os estudos sobre a escrita chinesa e ilustram como essa articulação vem à tona em todos os sistemas de escrita.

²¹¹ Granet, [1934]1997, p.34.

²¹² Granet, [1934]1997, p.44.

²¹³ Bodde, 1991, p.19.

²¹⁴ Hansen, 1993, p.376.

²¹⁵ Clodd, 1900, p.82.

Embora os estudos no Ocidente sobre a escrita chinesa tenham evoluído muitíssimo a partir do século XX, é possível ainda encontrar opiniões que não são tão fundamentalmente díspares da afirmação etnocêntrica que o antropólogo Edward Clodd fez em 1900, na epígrafe deste capítulo. Vimos na seção I.1 como a via “evolucionista” da escrita (onde a escrita chinesa é avaliada como “mais atrasada” do que as de base alfabética) permaneceu uma forte influência até a segunda metade do século XX e mostraremos como alguns teóricos da comunicação ainda hoje falam das limitações do raciocínio abstrato dos chineses em função de sua escrita “não analítica.”

Existem duas abordagens bem gerais empregadas pela maioria dos sinólogos e linguistas no estudo da escrita chinesa. A primeira dela consistiria em procurar amainar e jogar para segundo plano as diferenças gritantes da escrita chinesa em relação às escritas “abertamente” fonéticas. Seria a procura por um padrão, por uma universalidade e a consequente ferramentalização desta escrita, retrato (na maior fidelidade possível) passivo e representativo do que falamos. Grosseiramente dizendo, seria reduzir a escrita chinesa a um modelo de representação da fala basicamente fonético, condição necessária para que ela se torne uma escrita “funcional” e “administrável.” Sob este ponto de vista, muitas vezes a escrita chinesa acaba por ser considerada como um estágio mais “atrasado” da evolução “natural” dos sistemas de escrita.

A segunda abordagem é aquela que insiste nas diferenças. Na verdade, toma tais diferenças como a base argumentativa para mostrar que a escrita chinesa não é como as outras: não é só visualmente diferente, nem mesmo somente estruturalmente diferente, mas *qualitativamente* diferente, já que o jogo representativo dos significados agiria de forma muito diferentes sobre a escrita chinesa (e outras similares) em relações àquelas não morfêmicas, ou, usando a metalinguagem aqui apresentada, nas escrita cenêmicas.

Este trabalho também propõe considerarmos um terceiro caminho, com conseqüências ainda mais radicais para a escrita chinesa. Admitindo-se que ela tenha um forte componente semântico, mas sem se comprometer com a estabilidade da ligação entre caractere e significado, é possível pensar outras maneiras através das quais a escrita chinesa poderia exercer sua influência muito além daquela outorgada a um simples instrumento representativo da fala chinesa.

Ela renovaria a possibilidade de se entrever a linguagem talvez sem a intermediação da fala, de alcançar através do impacto gráfico e, talvez possamos dizer, pictográfico, a poesia que nasce em cada palavra. Tal caminho muitas vezes é trilhado por pensadores das mais diversas atividades intelectuais. Também nesta “terceira via” muitos estudos apoiados no método científico ocidental tradicional foram dedicados a compreensão dos impactos cognitivos e mesmo culturais da escrita chinesa. E, se aceitarmos que a escrita está na base do nosso conhecimento metalinguístico e dos conceitos gramaticais, teremos ainda a chance de especular sobre o que talvez se abra como uma “outra” metalinguagem, e como a escrita chinesa, vista de dentro da língua chinesa, pode ter um impacto e influência direta na visão de linguagem dos chineses.

Aceitar que a escrita chinesa opere primordialmente calcada na representação fonética não significa necessariamente ter por consequência lógica que todos os sistemas de escrita são – ou que a escrita conceitualmente é – dependentes da representação fonética, embora reforce sobremaneira o argumento dos foneticistas. Por outro lado, se acreditarmos que a escrita chinesa possui outros mecanismos não fonéticos relevantes para sua expressão e uso, é logicamente necessário que seja revista a argumentação do “campo fonético.” Estamos portanto diante de uma controvérsia que potencialmente pode afetar toda nossa compreensão sobre o que é escrita e sua relação com a linguagem.

Entretanto vemos que o que se discute aqui vai além da (importantíssima) polêmica sobre quais seriam o(s) modo(s) de representação viabilizado(s) pela escrita. Os pensadores sobre a escrita, como já vimos no capítulo I, e sobre a escrita chinesa em particular, como veremos aqui, colocam em questão o próprio papel da escrita como mero instrumento para representação da fala. Já vimos como é possível pensar a escrita como contribuidora cognitiva, estética, cultural e como ela é estrutural e necessariamente por demais diversa da fala para que se conceba uma relação isomórfica e secundarizante. E novamente o chinês surge como um caso emblemático. Proponho que dois caminhos devam ser explorados aqui quando forem apresentados os discursos sobre esta escrita. Em *primeiro* lugar, se aceitarmos que a escrita chinesa não é principalmente fonética,²¹⁶ abre-se a porta para uma intermediação direta da mancha gráfica com a visão de mundo

²¹⁶ Com todos os cuidados para que se qualifique este “principalmente.”

aberta pela língua escrita. Se a linguagem é criadora de mundo, quão impressionante não seria pensar nos caracteres chineses vivos construindo uma realidade a qual somente se vislumbra através de sua atuação. E em *segundo* lugar, mesmo que aceitemos a foneticidade da escrita chinesa, ainda assim restam caminhos a serem explorados que evidenciam a posição não secundária da escrita em relação à fala, na maneira com que ela se articula com os pensares e a metalinguística dos chineses, como ela pode ser usada para complementar os discursos falados, como ela incorpora uma expressividade poética, etc.

Pelos estudos que foram lidos para este trabalho, me parece correto e justificável científica e logicamente aceitar a importância da fonética na decodificação da escrita chinesa. Será mostrado aqui que muitas visões “antifonéticas” sobre a escrita chinesa (e sobre a língua chinesa) estão impregnadas de uma ingenuidade quase romântica, de visões de orientalismo que herdamos da Europa no século XIX, da procura curiosa por um “outro,” quase na tentativa de criar diferenças que talvez sejam ilusórias.

Uma reação científica radicalmente contrária por outro lado parece querer obliterar todas as fronteiras Ocidente/Oriente, e entre outras, aquelas que separam as línguas e o alfabetos ocidentais da língua e da escrita chinesa, colocadas no bojo de um programa universalista. Em oposição a esta visão, abraço totalmente a noção de que a China é um “Outro.” Na seção sobre uma introdução ao pensamento chinês, ficará claro como este Outro aponta para uma visão de mundo muito particular. E é uma consequência lógica inevitável que a língua chinesa também se revista de características muito singulares, em sua dimensão falada bem como na escrita. Desta forma, conquanto aceite o impacto fonético sobre a escrita chinesa, prefiro considerá-la como primariamente de base semântica, pelos motivos que se mostrarão claros ao longo deste capítulo.

Entretanto meu objetivo neste trabalho não é tomar totalmente partido nem de uma abordagem universalista, nem da outra, na sua mais radical alteridade, mas apresentar os textos e seus argumentos que os coloquem em perspectiva crítica. Da leitura e apresentação destes textos, espero que comecem a surgir padrões para a construção de um pensamento próprio. Pode até ser mais interessante pensar que não há partido para ser tomado, ou mesmo que tomar um partido não implica em abdicar completamente do outro. Muitas noções

extremadas que abraçam um ou outro lado acabam se mostrando naturalmente equivocadas, embora confesse que são mais palatáveis e atraentes as visões românticas sobre as etimologias imaginativas dos caracteres chineses ao invés de seguir na aridez do percurso ao longo da cadeia progressivamente deteriorada da representação aristotélica na direção da escrita decaída. Espero poder mostrar neste trabalho que há argumentos para um e para outro lado, para oferecer uma visão, se não de síntese, pelo menos de desconstrução das oposições simplistas sobre o que podemos considerar a língua e a escrita chinesa.

Retomando os objetivos principais deste trabalho, lembramos que estamos apresentando aqui o que, *grosso modo*, podemos classificar em três vertentes de estudos sobre a escrita chinesa, aqui convençionalmente chamadas de *foneticista*, *semanticista* e *pragmatista*. Os dois primeiros debatem a origem e as características do *designatum* na escrita chinesa e portanto sua visão sobre a diacronia da escrita, seu caráter icônico e o próprio jogo entre a fonética e a semântica como itens representados pela escrita situam-se no centro da discussão aqui apresentada.

Mais a margem dessas discussões, os autores que poderíamos juntar num grupo bem heterogêneo e chamá-los de pragmatistas, exploram outras dimensões da escrita chinesa. Eles irão debater os impactos cognitivos desta escrita e poderão questionar se realmente há algo externo à escrita que estaria por ela sendo representada. Mais ainda, verão a escrita inserida e ativa em seu contexto sócio-cultural.

Neste capítulo em primeiro lugar estarão sendo apresentados os debates das duas primeiras correntes sobre a relação escrita e fala no chinês (seção IV.1 e IV.2, respectivamente diacrônica e sincronicamente); a seguir na seção IV.3 mostra-se que tipo de relação privilegiada a escrita tem com suas capacidades icônicas, uma vez considerados caminhos não representacionistas; na seção IV.4 discutimos as possibilidades que se abrem para pensar a metalinguagem através da escrita chinesa quando se considera o poder outorgado a ela pelos pragmatistas; e finalmente, na seção IV.5, uma breve introdução à relação da escrita inserida no contexto cultural chinês.

4.1. Olhando a Diacronia da Escrita Chinesa

Estudos sobre a história da escrita indicam que a escrita chinesa, tal como a suméria (e talvez todos os sistemas de escrita humana), parece haver surgido como uma tentativa de representação de objetos naturais (concretos). Como vimos no capítulo I deste trabalho, o trabalho recente de Denise Schmandt-Besserat²¹⁷ sobre a escrita suméria mostra que esta afirmação talvez deva ser relativizada. Embora não haja indicações semelhantes para a escrita chinesa, devemos ter em mente que a origem pictográfica desta escrita é mais especulativa do que baseada em fatos concretos.²¹⁸

Por outro lado, não há dúvidas também de que a escrita chinesa é radicalmente diferente de outros sistemas com base abertamente fonética, sejam alfabéticos ou silábicos ou mesmo consonantais. Um estudo sobre a escrita chinesa deve necessariamente se debruçar sobre sua longa diacronia e a aparição (ou não) dos mecanismos de transformação postulados pelos estudiosos da escrita e apresentados na seção II.1.

4.1.1. Brevíssima História da Escrita Chinesa

A primeira forma atestada arqueologicamente de um sistema de escrita na China foram os chamados ossos oraculares (ou divinatórios) (*jiǎgǔwén*, 甲骨文, literalmente “cultura/escrita dos primeiros ossos”), que surgiram durante a

²¹⁷ Schmandt-Besserat (1997) e (2007)

²¹⁸ “A única característica evidente que une [a história inicial das escritas] (...) é que houve figuras em algum ponto no começo dessa história. Isso é certamente verdadeiro (...) com o chinês, mas é igualmente incerto se [tais] figuras foram os únicos elementos da escrita no seu início” (Kratochvíl, 1968, p.148).

segunda dinastia não-mitológica na China, a dinastia Shang (上朝, *shàng cháo*, c. 1750-1040 aC).²¹⁹ O estilo de

escrita de bronze (*jīnwén*, 金文) empregado desde o final do período Shang até o século IV aC era mais redondo e mais pictográfico do que os caracteres dos ossos divinatórios (...) [mas] ambos eram certamente sistemas de escrita.²²⁰

A escrita foi considerada uma das Seis Artes na China antiga, junto com os rituais, a música, o arco e flecha, a condução de bigas e a ciência dos números (divinatória). Estas artes, na sua origem, eram artes nobres de caráter mágico. Sobre sua origem da escrita pouco se pode afirmar com qualquer grau de certeza:

O período de formação da escrita chinesa não nos é conhecido. Todavia podemos supor que os motivos que levaram [seus usuários] a recorrer inicialmente ao desenho, mesmo aquele estilizado, deva ter sido de caráter mágico-religioso.²²¹

Os rituais da época demonstravam como a escolha do uso de atos falados ou escritos dependia especificamente do tipo de divinação. Havia portanto “uma especialização entre a fala e a escrita nos ritos religiosos” (Gernet 1963, p.489).

A padronização da escrita chinesa e sua generalização de uso propriamente administrativo e profano veio a ocorrer somente com a unificação do país pela primeira vez em 221 aC pelo imperador Qin Shihuang (*qín shǐ huáng*, 秦始皇), o fundador da dinastia Qin (*qín cháo*, 秦朝 221 – 206 aC). O imperador decretou ilegais as variações do padrão e impôs o chamado “estilo do pequeno selo” (*xiǎo zhuàn*, 小篆) como o novo padrão da escrita. Nesta época o Confucionismo se consolidou como filosofia de Estado e se institucionalizaram os Exames Imperiais (*kējǔ*, 科举) para todos os candidatos aos postos da burocracia do Estado chinês, com ênfase no conhecimento dos clássicos pré-Qin. A manutenção do *kējǔ* baseado no conhecimento literário e vinculado ao *wényán* (文言, “escrita

²¹⁹ Outros artefatos arqueológicos que esboçaram algum tipo de escrita ou representação gráfica, em especial vasos de vinho encontrados na província de *Shāndōng*, datam de mais de 2000 anos antes dos ossos oraculares, todavia não há ainda confirmação de uma ligação atestada com a escrita dos Shang ou se estes grafismos chegaram mesmo a formar um sistema coerente de escrita.

²²⁰ Coulmas, 2003, p.50.

²²¹ Gernet, 1963, p.487.

literária”) até o movimento 4º de Maio de 1919 sem dúvida colaborou para reforçar o conservadorismo da escrita chinesa.²²²

A primeira forma de categorizar os caracteres chineses apareceu na dinastia Han por volta de 120 dC, quando Xu Shen compilou o primeiro dicionário mais abrangente na China, o *shuōwén jiězì*, com cerca de 9.500 caracteres e uma classificação dos caracteres que já foi apresentada no capítulo III acima.

O conservadorismo da escrita *wényán* ficou patente quando no final da dinastia Tang (*táng cháo*, 唐朝, 618-907) novas formas da gramática e do léxico falado tomaram uma outra expressão escrita, chamado de *báihuà* (白话, “fala comum”), muito mais próxima da língua falada.²²³ Ambos sistemas conviveram lado a lado por séculos, o *wényán* para ocasiões mais formais e a chamada “alta literatura”, o *báihuà* para situações mais informais, num ambiente de diglossia generalizada.

Embora já na segunda metade do século XIX o *báihuà* começasse a aparecer em diversos jornais e houvesse um forte movimento para que ele substituísse completamente o *wényán*, somente com o fim dos exames imperiais em 1919 é que a forma vernacular passou a se tornar a escrita oficial da China, através de um processo gradual e complexo que intentou reduzir o analfabetismo e modernizar a nação.²²⁴

Com o estabelecimento do *báihuà* como padrão de escrita, e em consonância com os esforços para a diminuição da taxa de analfabetismo na jovem república, surgiram diversas discussões no sentido de reformar a notação da escrita chinesa, ou mesmo substituí-la por uma outra de base fonética: “Argumentou-se [naquela época] que o estabelecimento de um verdadeiro sistema de escrita vernacular deveria ser acompanhado pela reforma do sistema de escrita” (Ping, 1999, p.81).

Tais discussões se prolongaram pela primeira metade do século XX e deram origem a diversas alternativas de simplificação da notação chinesa e do uso de

²²² Veja-se Ping, 1999, p.68. Ping argumenta também que conversamente, o caráter logográfico da escrita chinesa também teria colaborado para a longevidade e conservadorismo dos exames imperiais. Essa é uma hipótese não representacionista importante, que oferecerá outros reflexos ao longo do presente trabalho.

²²³ Veja-se Ping, 1999, p.68-9.

²²⁴ Para maiores detalhes sobre esta transição, veja-se Ping, 1999, p.70-82.

notações alfabéticas como apoio ou substituto total daquela notação. Sem aqui nos estendermos neste complexo processo, cabe dizer que a notação chinesa na República Popular da China foi oficialmente reformada em 1956 com a simplificação de 544 caracteres e 54 componentes de caracteres. Dois anos mais tarde, em 1958, o sistema de transliteração do *pīnyīn* foi promulgado oficialmente como suporte para a escrita chinesa, sendo adotado em 1982 pela ISO como forma padrão de transcrição do mandarim. Em Taiwan foi promulgado em 1986 um esquema de transcrição batizado de *guóyǔ zhùyīn fúhào dì èr shì* (国语注音符号第二式, lit. “sistema de transcrição nacional, segundo modelo”), bastante similar ao *pīnyīn*.²²⁵

Talvez a discussão em torno das propostas de reforma da escrita obscureçam um pouco o enorme peso do *wényán* na escrita atual e o proverbial conservadorismo da língua e escrita chinesa. Mesmo com os caracteres simplificados, a escrita, e a língua, chinesa é um reflexo direto dos séculos de uso da escrita baseada no chinês clássico: “(...) escritores do chinês moderno regularmente voltam-se para o chinês clássico como uma fonte de recursos linguísticos” (Ping, 1999, p.84). Poderíamos pensar numa situação similar no Ocidente com o uso de diversas expressões em latim, principalmente nos textos jurídicos mais formais. A diferença é que, enquanto tal uso é bastante restrito e especializado, as expressões diretamente advindas no chinês clássico estão presentes em todas as formas discursivas no chinês, e em especial no chinês escrito, onde sua capacidade de concisão não é limitada por sua difícil compreensão oral. Ping escreve: “os escritos em *wényán* ainda perfazem entre um terço e metade do conteúdo em livros-texto sobre o tema ‘língua chinesa’ nas escolas secundárias na China continental, Taiwan, Hong Kong e Cingapura” (Ping, 1999, p.84). Ocasionalmente ainda hoje encontram-se textos exclusivamente escritos em *wényán* (embora sejam raros), cuja presença é ainda mais persistente em comunidades chinesas fora da China continental, como em Hong Kong e Taiwan, onde a escrita com base no mandarim não é a mesma dos dialetos vernaculares locais.²²⁶

²²⁵ Ping, 1999, p.189.

²²⁶ Veja-se Ping, 1999, p.88.

A utilização e longevidade do *wényán* é uma marca importante para entendermos a escrita chinesa em suas funções e na relação com a fala. A verdade é que a escrita chinesa sobreviveu com louvor ao fervor modernizante que irrompeu na China desde a 2^a metade do século XIX. Não só ela sobreviveu, mas com relativamente poucas modificações visuais (se excluirmos a simplificação “imposta” pelo governo da China comunista) desde o chamado “*clerical script*” (*lishū*, 隶书, literalmente “palavra dos escribas”) do século II dC no Império Han até hoje, um longuíssimo período de 1.800 anos. E isso sem perda de formas antigas, mas gerando um léxico em constante alargamento. Há assim mostras claras da capacidade de sobrevivência e de uma relação estreita do par caractere/significado semântico.

4.1.2. Aspectos da Evolução Diacrônica da Escrita Chinesa

Já foi mostrado nas seções anteriores como é possível identificar na grande maioria dos caracteres um indicativo semântico junto a um indicativo fonético.

Em geral a *dupla articulação da linguagem*, tal como foi primeiramente sugerida por André Martinet, se refere a uma língua onde se articulam unidades mínimas que “contêm” significado²²⁷ e unidades mínimas fonológicas que não têm significado. A articulação desse repertório reduzido de unidades fonológicas forma palavras/morfemas/lexemas que juntam dois, três ou mais unidades fonológicas e habilita o enorme poder expressivo das línguas.

No chinês (especialmente no chinês clássico, que era uma língua quase perfeitamente monossilábica), pode-se argumentar que essa articulação aparece inscrita “dentro” dos caracteres: os “caracteres chineses têm uma estrutura interna conformada com o princípio da dupla articulação” (Coulmas, 2003, p.53). Como já vimos, a escrita chinesa não é composta da “desenhos,” uma vez que seus

²²⁷ Deixando um pouco de lado o questionamento da existência ou não de um significado literal e imanente do significante.

traços não estão em livre combinação, mas ela se utiliza de um inventário bastante limitado de traços de uma forma sistemática. Quando combinamos esse repertório limitado entre si, surge o potencial para “construir” dezenas ou centenas de milhares de caracteres diferentes. Vemos que há completa independência entre o sistema de traços que formam grafemas e o de grafemas completos que indicam o significado. Em outras palavras, os traços, tomados individualmente, não têm qualquer contribuição semântica e

[a] dualidade da estrutura dos caracteres chineses não está relacionada com a dualidade da estrutura na língua chinesa; ou seja, enquanto os caracteres são mapeados em morfemas e palavras, não há qualquer relação de mapeamento sistemático entre os traços e os segmentos [fonológicos].²²⁸

É este o motivo que levou alguns autores a considerar a escrita chinesa como uma linguagem em si própria, com uma estrutura igual àquela que concedeu o poder expressivo às línguas naturais, só que numa dimensão gráfica. Veremos neste trabalho como os diversos textos sobre a escrita chinesa lidam com esta hipótese.

Já vimos como ao longo de sua evolução diacrônica a escrita chinesa foi acrescendo-se de caracteres semântico-fonéticos. O eminente linguista chinês Y. R. Chao em 1948²²⁹ distinguiu três vias de formação de tais caracteres:

- um caractere toma emprestado um elemento de alusão semântica facilitando sua identificação e diferenciação para outros significados. Por exemplo: 然, *rán*, que significava “queimar” e adquiriu posteriormente o significado adicional de “assim”/“então”, tomou 火, *huǒ*, “fogo” tornando-se 燃, *rán*, ainda “queimar”, que então estaria graficamente diferenciado de 然, “assim”/“então;”
- um caractere se junta a outro e sua combinação forma um novo termo que tem o significado “ampliado” por essa nova combinação. Por exemplo: 方, *fāng*, “praça” juntou-se a 土, *tǔ*, “chão/terra” formando 坊, *fāng*, “praça (do mercado);”
- um caractere se junta a outro apenas como indicador fonético. Exemplo: 米, *mǐ*, “cereal/arroz” se junta a 唐, *táng*, “dinastia Tang” para formar 糖, *táng*, “açúcar.”

Todos os três processos foram extremamente produtivos e acabaram por desambiguar na escrita uma enorme quantidade de palavras, produzindo milhares

²²⁸ Coulmas, 2003, p.53.

²²⁹ Veja-se DeFrancis, 1984, p.81.

de compostos *xíngshēng*. Com o tempo o léxico foi se enriquecendo, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 5- Número de Caracteres na Língua Chinesa²³⁰

número	dicionário	Período	data
3.300	<i>Cangjiépiān, Yuánlìpiān, Bóxuépiān</i>	Qin	221-206 aC
9.535	<i>Shuōwén jiězì</i>	Han ocidental	100 AD
16.917	<i>Yùpiān</i>	Liang	543
26.149	<i>Guangyùn</i>	Song do norte	1011
32.200	<i>Hòngwū zhèngyùn</i>	Ming	1375
47.043	<i>Kāngxī zìdiǎn</i>	Qing	1716
48.000	<i>Zhōnghuá dà zìdiǎn</i>	República	1916
56.000	<i>Xiàndài Hànyǔ dà zìdiǎn</i>	Rep. Comunist.	1986-90

Como este trabalho não está focado na fala chinesa, mas na sua escrita, não caberia aqui uma discussão mais extensa também sobre a complexa evolução fonológica do chinês. O chinês antigo, do início da época Zhou e dos clássicos como o Shijing e o Shujing, era muito mais complexo fonologicamente do que o mandarim atual, havendo ocorrência de grupos consonantais e uma coleção de 6 a 10 consoantes finais. Durante sua história, a língua falada sofreu mudanças que na prática tornaram-na uma outra estrutura linguística.

Em resumo, observamos que, além dessas enormes mudanças fonológicas, o repertório de grafemas mais que decuplicou ao longo dos anos (através de processos que envolveram a pronúncia bem como os significados imputados aos caracteres) e a própria maneira dos chineses classificarem seus caracteres mudou várias vezes (em especial pelas diversas “rearrumações” das listas de radicais). Conclui-se portanto que a relação fala/escrita passou por mudanças importantes na diacronia da escrita chinesa. É o que veremos a seguir.

²³⁰ Fonte: Ping, 1999, p.135

4.1.3. Escrita e Fala Olhadas no Jogo Diacrônico

Na longa história da escrita chinesa podemos observar dois movimentos (ou tendências) principais: em primeiro lugar, um progressivo descasamento da língua usada na escrita da maior parte dos textos na China, o *wényán*, daquela usada no escrito vernacular, o *báihuà* (que era, como vimos, muito mais próximo da fala corrente). Do outro uma progressiva estilização da escrita, com deterioração da sistematicidade dos indicadores semânticos e fonéticos, podendo-se dizer até, deterioração da iconicidade da escrita.

Quanto ao primeiro movimento, pode-se argumentar que a discrepância entre a língua literária e a língua vernacular existiu provavelmente desde os primórdios desta escrita:

Há um consenso geral entre linguistas chineses que, em parte devido ao alto grau de independência do sistema logográfico da escrita (chinesa) dos detalhes fonéticos da fala (...) e em parte devido às limitações gerais impostas sobre a escrita pelas tecnologias disponíveis à época, a discrepância entre a língua falada e a escrita tenha existido desde o seu início.²³¹

O que Ping parece querer dizer é que o tipo de escrita chinesa, chamada por ele de *logográfica* (retomaremos este ponto adiante), leva naturalmente a um certo descasamento entre a língua literária e a vernacular. Isso por si só é uma tese muito importante, uma vez que sustenta a hipótese de que a tipologia do sistema de escrita pode influenciar a língua usada nas diferentes esferas da atividade humana.

Na discussão historiográfica sobre a escrita chinesa deixamos claro que o sistema de exames imperiais também muito contribuiu para o conservadorismo do *wényán*. Podemos também argumentar que tal conservadorismo estaria igualmente em consonância com o pensamento chinês na sua predileção por categorias concretas e aversão às abstrações, se “apegando” aos caracteres como emblemas gráficos. Na discussão mais detalhada da visão da escrita chinesa como *emblemática*, na seção IV.5, teremos a oportunidade de discutir em mais detalhes essa hipótese.

²³¹ Ping, 1999, p.67.

Já a deterioração da “sistematicidade fonética” da escrita se deu ao mesmo tempo em que processos de composição fonético/semânticos foram altamente produtivos no alargamento do léxico chinês, como vimos acima e também ilustra a tabela abaixo:

Tabela 6- Diacronia da Tipologia dos Caracteres Chineses²³²

Princípio	“Ossos Oraculares” (dinastia Shang)	Xu Shen (séc. II)	Zheng Qiao (séc. XII)	Kang Xi (séc. XVIII)
Pictográfico	223 (23%)	364 (4%)	608 (3%)	Aprox. 1500 (3%)
Indicat. simples	20 (2%)	125 (1%)	107 (1%)	
Compost. indicat.	396 (41%)	1.167 (13%)	740 (3%)	
Semant-Fonét.	334 (34%)	7.697 (82%)	21.810 (93%)	47.141 (97%)
Total	977	9.353	23.265	48.641

É importante observar que esta tabela usa o léxico como um todo, contando cada entrada lexical. Se tomarmos a lista dos caracteres mais usuais, a participação dos compostos semântico-fonéticos cairia, como veremos mais adiante na discussão específica sobre a relação sincrônica fonético/semântica na escrita chinesa.

Cabe também observar que o processo de simplificação fonológica ocorrido na língua chinesa se desenvolveu no caminho contrário do enriquecimento lexical (e do repertório de caracteres). A língua chinesa padrão pode ter tido até 3.877 sílabas fonologicamente diferentes²³³ e esse número sofreu uma redução dramática no mandarim atual, para apenas 1.277 sílabas. Tal redução, adicionada ao crescimento lexical, é um motivo frequentemente citado pelos sinólogos para a tendência ao polissilabismo do mandarim moderno, como um processo essencial para a desambiguação da homofonia presente na fala e importante ferramenta de unificação da comunicação através das diferentes formas do chinês na China.²³⁴ Veremos na seção específica sobre semântica e fonética sincrônica na escrita chinesa como esta análise acaba por mostrar certa fragilidade.

Constatamos portanto duas forças que agem algo desigualmente na superfície de contato entre o chinês escrito e o chinês falado. Do lado da escrita,

²³² Fonte: DeFrancis, 1984, p.84.

²³³ Kennedy (1964) citado em DeFrancis, 1984, p.99.

²³⁴ Veja-se Ping, 1999, p.140.

diversos fatores conservam parte da sua estrutura sintática e lexical e seu repertório de caracteres, ao mesmo tempo em que há uma progressiva estilização desses mesmos caracteres. Na medida em que processos de formação com base fonética ajudaram a enriquecer o léxico mantendo a funcionalidade da escrita,²³⁵ a iconicidade original dos grafemas foi dando espaço às necessidades de padronização, desambiguação e facilidade de uso para dar conta também das novas tecnologias e conhecimentos acumulados nos séculos de civilização chinesa. Vemos portanto ao longo do tempo, em linhas gerais, um número crescente de caracteres que perderam quase que totalmente o apoio exclusivamente icônico em prol de algum tipo de combinação semântico/fonética.

Entretanto do lado da fala a evolução se deu em um passo muito mais acelerado. As diferenças fonológicas entre as diversas etapas da evolução da língua chinesa são enormes, ao ponto em que mesmo a “nova” base fonética adicionada na criação dos novos caracteres rapidamente acaba perdendo seu ponto de contato numa língua que está constante processo de evolução fonológica. Dá-se assim também uma degradação da base de apoio fonética, como vimos pela assistemática dos indicadores fonéticos no mandarim atual.²³⁶

Está claro todavia que a escrita chinesa continua a ser extremamente bem sucedida e eficiente, como demonstra toda sua longevidade. Não há dúvida que os processos de degradação citados acima não impediram ou impedem que ela satisfaça as necessidades da população chinesa e tenha mesmo evitado a substituição por algum padrão fonético tal como se discutiu no país na primeira metade do século XX. Devemos talvez procurar outros aspectos e contribuições da escrita chinesa que justifiquem tamanho êxito a despeito de suas limitações e das complexidades de seu uso. Tais abordagens serão discutidas em maior detalhe nas próximas seções deste trabalho.

A evolução no sentido de um maior descasamento entre a escrita e a fonética da língua falada é uma tendência que os representacionistas julgam

²³⁵ Mais adiante serão estudados em um pouco mais de detalhes os mecanismos cognitivos da leitura do chinês e o papel dos indicadores fonéticos como um todo na escrita.

²³⁶ Tal assistemática advinda da evolução diacrônica das línguas é também característica das ortografias baseadas em escritas fonéticas, variando de grau entre as diversas línguas, por exemplo, maior no inglês e francês do que no espanhol e no finlandês. Refira-se também à discussão no capítulo II deste trabalho.

existir em todos os sistemas de escrita; Gelb, citado por DeFrancis, nos diz, por exemplo, que

[a] correspondência entre a língua e a escrita é geralmente mais forte nos primórdios [da escrita] do que nas etapas posteriores. Isso ocorre porque um sistema de escrita quando é introduzido pela primeira vez reproduz bastante fielmente a estrutura fonológica subjacente. Com o tempo, a escrita, mais conservadora do que a língua oral, geralmente falha em manter-se atualizada frente às suas constantes mudanças e, com o passar do tempo, diverge mais e mais de sua contraparte linguística.²³⁷

O argumento diacrônico é muitas vezes a base para justificar a correspondência muito imperfeita entre a notação chinesa e o valor fonológico dos caracteres:

O fato de que não houve outra reforma ortográfica [no chinês] desde o século III aC é fundamental para explicar por que os elementos fonéticos são tão imperfeitos em sua função de representação da pronúncia atual. As ortografias do inglês e do francês estão defasadas apenas alguns séculos; no chinês, mais de dois milênios.²³⁸

Esse descasamento evolutivo dos dois sistemas mascararia uma relação que basicamente, para os foneticistas, é de submissão da escrita como mera ferramenta representativa da fala.

Veremos adiante como tais argumentos se adicionarão à análise sincrônica da língua e escrita chinesa para reforçar as conclusões do partido “foneticista.”

4.1.4. Como Questionar esta História

A visão que eu aqui batizei de *foneticista* foi muitas vezes adotada para dar contraponto ao que derogatoriamente os sinólogos se acostumaram a chamar de visão “pictográfica ingênua,” capitaneada por trabalhos clássicos sobre o chinês e em estudos sobre a poesia chinesa, tendo especial influência para os falantes do português o livro organizado por Haroldo de Campos *Ideograma* de 1977.

²³⁷ Gelb (1979) in DeFrancis, 1984, p.113.

²³⁸ DeFrancis, 1984, p.115.

Os foneticistas frequentemente destacam que tais análises não são adequadas para a descrição sincrônica da escrita chinesa de hoje e em geral chamam a atenção para o que poderia ser o peso exagerado da linguagem literária clássica em tais análises.

Entre os argumentos dos foneticistas arrolam-se: 1) a tradição da escrita do vernáculo na China é muito recente em relação à história da escrita. Até pouco tempo, fala e escrita mantinham uma grande distância. A escrita analisada pelos partidários da “pictografia ingênua” tem pouco relevância para o estado do mandarim contemporâneo; 2) a tradição literária chinesa é muito rica em produção e história e a imensa parte dela é calcada na escrita clássica, e não vernacular; 3) praticamente concomitante à adoção do vernáculo na escrita foi feita, na China continental, a simplificação dos caracteres chineses, o que de certa forma, os distanciou ainda mais de seu longínquo passado pictográfico; 4) importantes fontes de estudo sobre a língua e a escrita chinesa na sua história e tradição literária e poética foram feitos debruçados sobre o chinês clássico pré-simplificação.²³⁹

Parece até que quando cita G. Mancuso, na sua leitura do artigo de Fenollosa, Haroldo de Campos estaria defendendo os argumentos foneticistas:

o chinês literário escrito, com seu cunho isolante, sua tendência ao monossilabismo, sua relativa pobreza fonética, sua propensão às formas concisas e elípticas, deixara de evoluir a seu lado um idioma falado mais adequado às exigências práticas (...), e acabara por tornar-se uma língua especializada para o exercício da ‘função poética’ (...) porque liberta dos imperativos do uso comunicativo-referencial.²⁴⁰

Em outras palavras, muito do que se estudou e se delegou à escrita chinesa estaria em estreita ligação e, até certo ponto, dependência de sua situação histórica como língua literária da China Imperial e de certas funções poéticas específicas que, na visão dos foneticistas, teriam relevância limitada sobre o “verdadeiro” caráter da escrita chinesa.

Os discursos mostrados nas seções anteriores indicam como a língua vernacular-simplificada hoje em uso na China continental de alguma forma se aproximou mais de um sistema secundário à fala e, veremos adiante, mesmo como sua gramática se “europeizou,” sob influência dos falares estrangeiros. Alguns

²³⁹ Por exemplo, o texto de Fenollosa (1912) e o livro de Granet (1934).

²⁴⁰ Campos, 1977, p.65.

postulados caros àqueles que veem a escrita chinesa como fundamentalmente ideográfica e diferente da escrita fonética se baseiam no chinês clássico: estrita monossilabidade da língua, maior importância do caráter ideográfico, maior opacidade das classes gramaticais das palavras chinesas, ausência de preposições “puras,” etc. Com o chinês contemporâneo visto sincronicamente, se não se pode dizer que houve necessariamente uma ruptura com tais fatos da língua e escrita, no mínimo é necessário aceitar uma certa diminuição no seu status.

E entretanto a escrita chinesa resiste como um sistema morfêmico e obviamente diferente dos outros sistemas de base cenêmica. Neste sentido, ao invés de falar de uma progressiva aproximação da escrita chinesa junto à fala, alguns autores preferem pensar alternativamente numa resiliência do seu caráter pictórico-morfêmico. Mais ainda, como vimos na seção I.2.4, Roy Harris questiona o descasamento ortográfico entre escrita e fala, ou, melhor dizendo, ele considera que essa não é nem mesmo uma questão que deva ser colocada, pois não existiria algo como uma relação estável que possa evoluir sincronicamente entre o grafema e sua pronúncia. Essa relação necessariamente apareceria vinculada a um determinado contexto, não é uma ordem compactuada pela sociedade e não há nada intrinsecamente eterno e duradouro com a escrita, mas simplesmente seu meio físico se presta a uma análise um pouco menos contextualizada, o que a prende mais às convenções sincrônicas. Num sistema de escrita interdependente como propõe Harris os grafemas só adquirem valor inseridos num desses sistemas, necessitam ser valorados de acordo com seu arranjo sincrônico e não faz sentido vinculá-los diacronicamente a pronúncias arcaicas.

É possível também pensar esta história de outra forma, um pouco mais longe das discussões semiológicas. Essa tentativa está intimamente ligada à ideia de que a escrita chinesa evoluiu em consonância com a cultura chinesa, adaptando-se aos novos tempos, aos empréstimos dos novos caracteres e desenvolvimento de novos conceitos, ao estudo da metalinguagem e da linguística na China e à forma como outras línguas lidaram com a importação da notação chinesa. Essa interação foi profundamente rica para a escrita e a língua chinesa em geral e ajudou a explicar porque um sistema que, a primeira vista, parece tão ineficiente e custoso às capacidades mnemônicas e cognitivas de seus usuários,

resistiu e resiste tão bem, a despeito de certas previsões algo alarmistas, principalmente por parte dos foneticistas.

Nessa linha de estudo o terreno coberto parece muito menos seguro e sólido do que aquele percorrido pela análise que podemos chamar de “técnico-arqueológica.” Estamos lidando com conceitos menos claros e definíveis, e assim passíveis de diferentes interpretações. Neste trabalho, a análise das propostas dos estudiosos que traçaram esses caminhos talvez tenham deixado muito mais perguntas do que oferecido respostas.²⁴¹ Mas essa condição pode não ser necessariamente insatisfatória, porque imagino mesmo que, para muitas dessas perguntas, não haja respostas universais e eternamente válidas.

Parece que considerações estéticas sobre a escrita chinesa foram muito mais determinantes na sua evolução do que nos sistemas cenêmicos. Sem dúvida, um momento crucial na diacronia da escrita chinesa foi aquele em que começaram a ser desenvolvidos os caracteres compostos. Não interessa aqui exatamente se o processo foi calcado na análise fonética ou semântica, mas sim que ele evoluiu diferentemente da justaposição de grafemas em unidades multigrafemáticas.

Como escreveu Ping:

Quando se tratou do posicionamento dos determinantes em relação aos radicais, entretanto, parece que a condição estética de que o caractere [resultante] fosse de um formato equidimensional levou os chineses a seguir um curso diferente daquele adotado em egípcio ou sumério. Ao invés de preceder ou seguir o grafema em questão como um signo em separado, o determinante em chinês foi incorporado no grafema-radical como uma parte integrante do novo caractere (...)²⁴²

O autor, assim como outros fizeram, especula até mesmo o que poderia ter ocorrido caso tal incorporação intragrafemática não tivesse ocorrido: “o chinês teria muito provavelmente evoluído num sistema de escrita fonográfico, da mesma forma que outros sistemas de escrita do mundo” (Ping, 1999, p.134).

E o que seriam essas considerações estéticas? Será que a escrita chinesa teria tido realmente um evolução radicalmente diferente se tal processo de incorporação não tivesse ocorrido? Estas são perguntas para as quais talvez possamos apenas oferecer opiniões bem informadas. As leituras sobre a

²⁴¹ Essas questões serão retomadas na seção IV.5 que lida com a relação entre a escrita e a cultura chinesas.

²⁴² Ping, 1999, p.134.

pensamento e a filosofia chineses introduzidas na seção IV.5 ajudarão um pouco a compreender esta complexa interação entre cultura e linguagem.

4.2.

Grafema, Morfema e Sílabas: sincronia da escrita chinesa

Nesta seção será discutido como os falares sobre a escrita chinesa, apresentados até aqui em suas diversas dimensões, se articulam em propostas sobre sua relação com a fala e a linguagem do ponto de vista *sincrônico*. Assim, a polêmica entre as vertentes foneticista, semanticista e pragmática complementa-se à análise diacrônica da seção anterior.

4.2.1.

Caracteres, Morfemas, Palavras e Sílabas em Chinês

Na seção 2.2 foi apresentada uma proposta de terminologia para que possamos falar de escrita e de metalinguagem no presente trabalho. Alguns dos conceitos propostos possuem interpretações muito particulares em chinês e na sua articulação entre escrita e fala, bem como na maneira em que as duas dimensões da linguagem se interrelacionam. Nesta seção veremos como os estudos sobre a escrita chinesa classificam e examinam as relações entre tais conceitos no sistema sincrônico da língua chinesa.

Já vimos que uma sílaba fonológica pode corresponder a diversos caracteres, dada a grande homofonia na língua (embora haja casos raros de sílabas com apenas uma correspondência grafêmica).

Por outro lado, exceto por raríssimas exceções, a pronúncia dos grafemas em chinês é silábica. Via de regra um grafema também tem uma única pronúncia, todavia as exceções existem (especialmente com variações dos tons) e essas não são absolutamente desprezíveis. Num levantamento do autor sobre os 100

caracteres mais frequente do HSK-1²⁴³ (nível básico da prova do HSK), verificou-se que 47 caracteres, quase metade, têm duas ou mais pronúncias (e acepções) possíveis, sendo que em 23 a variação não é apenas tonal. Nos 100 seguintes, foram encontrados 27 variantes e nos 100 caracteres depois destes, 19 variantes. Embora não tenha sido feito um levantamento mais extenso, há uma aparente tendência decrescente, além de uma concentração crescente das variantes apenas tonais. E entretanto, os números são bastante expressivos, o que causa a necessidade de se qualificar com cuidado a afirmação de que um grafema remete a uma e somente uma pronúncia e a um morfema, uma vez que cada pronúncia diferente corresponde a uma nuance de significado (e, às vezes, um significado bastante diferente).

Todavia, um estudo²⁴⁴ mostra que 87% dos 4.800 caracteres mais usuais remete a somente um morfema e o mesmo estudo explica que, nos vários casos em que isso não ocorre (o caractere é polimorfêmico) o motivo é de origem diacrônica.²⁴⁵ Se o padrão da língua for uma relação 1:1 e suas exceções consideradas como “desvios da norma,” poderíamos afirmar que se trataria de uma relação basicamente biunívoca entre caracteres e morfemas. Essa é uma afirmação que tem profundas consequências para o entendimento da escrita chinesa.

Porém estes números podem mascarar uma complexidade muito grande na relação entre morfemas e caracteres. Veremos na seção IV.4 o que parece ser a ocorrência de uma elevada polissemia nos caracteres da metalinguagem no chinês. Esse fato contradiria a relação 1:1 fortemente majoritária do estudo mostrado no parágrafo anterior. Está muito além do escopo do presente trabalho um estudo detalhado sobre a polissemia dos caracteres chineses.

Na direção contrária, um mesmo morfema por vezes pode remeter a diversos grafemas sinônimos, embora tal sinonímia possa ser questionada, do ponto de vista funcional, pragmático, contextual, etc., da mesma maneira que ela

²⁴³ FONTE: www.xiaoma.info, acessado em 29/09/10.

²⁴⁴ Yin (1988, p.255, 1991, p.17) in Ping, 1999, p.138.

²⁴⁵ Um exemplo simples, já citado na seção III.2.1, é 后, *hòu*, que hoje é usado para indicar “depois”, “atrás” e também imperatriz, rainha. Na primeira acepção, o caractere foi simplificado de 後, *hòu* e tornou-se igual graficamente à segunda acepção.

ocorre em outras línguas. Novamente, esse é um assunto complexo cujo estudo mais aprofundado foge do escopo desta apresentação.

Há entretanto outros casos de aparente sinonímia que podem ser questionados através de argumentos relacionados à estrutura específica da escrita chinesa. Por exemplo, o famoso caso de *húdié* (蝴蝶), “borboleta,” que ganhou notoriedade devido ao artigo “*The Butterfly Case*” escrito por George Kennedy em 1964.²⁴⁶ Embora em geral os dicionários de chinês indiquem as acepções de “borboleta” para *hú* e também para *dié* (o que apontaria para a sinonímia dos dois termos), na realidade, argumenta Kennedy, os termos isoladamente não teriam qualquer alusão semântica e não estariam portanto “ligados” a qualquer morfema. Isso ocorreria em diversos outros casos e derrubaria o argumento clássico de que o dissilabismo teria sido uma consequência da diminuição da ambiguidade na fala chinesa. Para Kennedy trata-se de morfemas dissilábicos e dígrafos.

Como muitas vezes acontece com a escrita chinesa, estas conclusões podem ser questionadas à luz dos dados da língua chinesa. Em vários dicionários eletrônicos é possível achar uma plethora de compostos usando apenas o grafema para *dié* acima (蝶):²⁴⁷ 蝶泳, *diéyǒng*, “nado borboleta”; 蝶骨, *diégǔ*, “osso esfenoide”²⁴⁸; 蝶类, *diélèi*, “família das borboletas” (taxonomia biológica); 蛱蝶, *jiádié*, “ninfálida”, além de outros usos puramente fonéticos, como no distrito de *diéshān*, 蝶山 (que entretanto pode ser lido como “montanha da borboleta” e assim manteria uma alusão semântica). Por outro lado, nenhuma das fontes consultadas mostrou qualquer composto para *hú* (蝴) que não contenha *dié*. Parece portanto que *dié* teria uma independência de uso e de significado que não existe para *hú*. Portanto a análise de Kennedy no parágrafo anterior deixa a impressão de ser simples demais.

A confusão entre morfemas e sílabas é comum mesmo nos estudos informados sobre o chinês, como neste exemplo: “morfemas em chinês são co-extensivos às sílabas: cada morfema tem o comprimento de uma sílaba (...) há

²⁴⁶ Citado por DeFrancis, 1984, p.160.

²⁴⁷ Os exemplos são de www.xiaoma.info e www.yellowbridge.com, além do software de referência da escrita chinesa, *Clavis Sinica*, versão 4.0. Todos dados acessados em 29/09/10.

²⁴⁸ Cujo formato lembraria uma borboleta.

certos fenômenos marginais [que são exceções]” (Sampson, 1985, p.146). Justamente entender o quão marginais são estes “fenômenos” é onde se situa o coração de uma grande polêmica sobre a escrita chinesa.

Até agora, vimos a situação examinando grafemas para achar os morfemas relacionados. É possível também olhar os morfemas, para compreender como se comportam os grafemas relacionados.

Um estudo indica que 95% dos morfemas em chinês são monossilábicos.²⁴⁹ Outro levantamento, feito por DeFrancis numa amostra aleatória de 200 caracteres, mostrou que 89% dos caracteres são morfêmicos.²⁵⁰ Alguns escritores, como Kratochvíl (1968), afirmam que os morfemas poligráficos (e consequentemente, polissilábicos) são derivados de palavras estrangeiras, alguns produtos de óbvias transliterações (como *mùǎiyī*, 木乃伊, para “múmia”) e outras tão bem incorporadas na língua que nem mais parecem empréstimos (como *pútáo*, 葡萄, “uva” pronunciado no chinês clássico como /ba-dau/, emprestado ao iraniano *budāwa* ou *badāwa* por volta de 130 aC; ou *yínháng*, 银行, “banco,”²⁵¹ empréstimo do japonês *ginkō*²⁵²). Talvez o caso acima de *húdié* seja também originalmente um empréstimo. A verdade é que

embora a origem estrangeira de tais termos [polissilabismo de morfemas presos] seja muito plausível, *provas mais conclusivas são necessárias* para o que hoje precisa ser tomado [apenas] como uma hipótese.²⁵³

Contrastivamente, não existe em chinês o caso de um segmento fonológico menor que uma sílaba indicar um morfema, ou seja, não há codificação semântica no nível fonêmico. Todavia observa-se a exceção notável do 儿, *ér*²⁵⁴ e de

²⁴⁹ Yin (1988), Lin (1980), Qian (1990) e Fan (1993) in Ping, 1999, p.138.

²⁵⁰ DeFrancis, 1984, p.185. Veja que este é o percentual dos caracteres e não dos morfemas, como no exemplo anterior.

²⁵¹ O exemplo para “banco” é na verdade diferente daquele para “uva” ou para “borboleta”. Os caracteres que compõem banco são independentes, *yín* 银 significando “dinheiro” e *háng*, 行, significando “profissão”, “fila”, “série.” É o caso de um morfema que necessita dois grafemas, porém são grafemas que sozinhos apontam para outros morfemas, portanto uma composição.

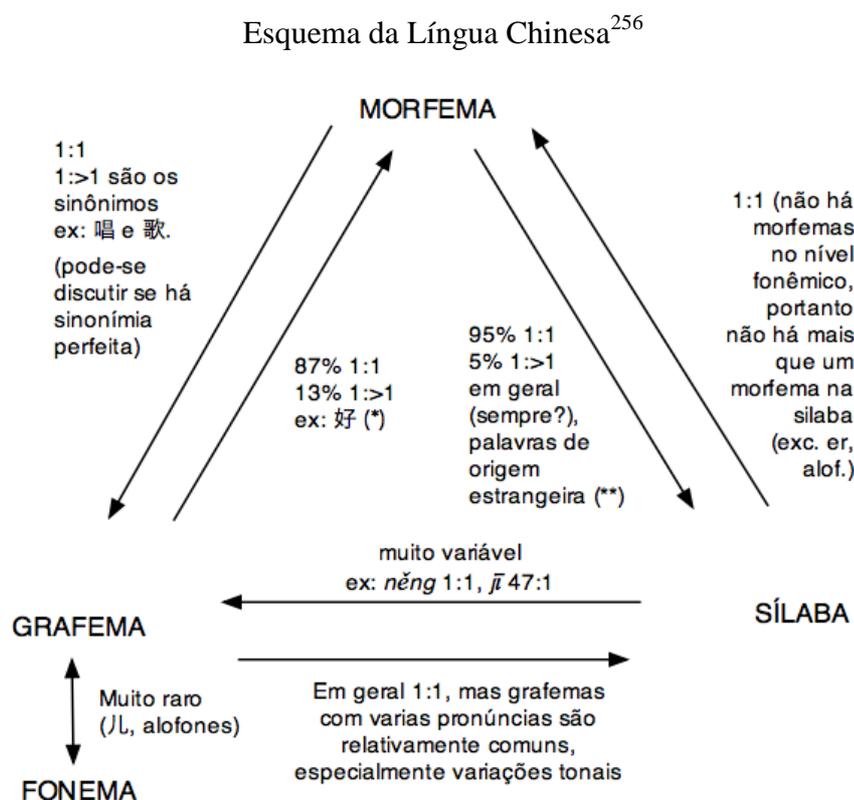
²⁵² Exemplo de Ping, 1999, p.102.

²⁵³ DeFrancis, 1984, p.183, minha ênfase.

²⁵⁴ No dialeto padrão do mandarim falado no norte da China, em especial na região do entorno de Beijing (que os próprios chineses denominam de *běijīnghuà* (北京话, “fala de Beijing”)) está se gramaticalizando a utilização do caractere *ér* (儿), que originalmente era usado apenas para

algumas construções alofônicas como *tāmen* (/t'āmɛn/ ~ /t'ām/), quando a forma mais breve foneticamente não tem expressão silábica, mas mantém seu caráter semântico, no caso deste exemplo, a ideia de plural (“ele”: *tā* /tā/ e “eles”: *tāmen* /t'ām/).²⁵⁵

Talvez possamos esquematizar as três dimensões da língua chinesa, escrita (grafema), fonológica (sílabas) e semântica (morfemas), com uma rede de interrelações mostrada abaixo.



Obs.: direção da seta significa que uma unidade na origem correspondem a quantas unidades no destino.

(*) - pode-se discutir se as diferentes acepções de um grafema corresponderiam a diferentes morfemas (polissemia), neste caso o percentual de 1:>1 seria muito maior.

(**) - Como há morfemas que necessitariam de mais de uma sílaba, eles também são multigrafemáticos. Há discussão se estes grafemas teriam ou não interpretação semântica (são

designar “filho,” agora praticamente desprovido de uma conotação semântica e como indicador fonético de um som retroflexo. Embora ainda majoritariamente utilizado como uma conotação diminutiva (por exemplo, 一点儿, *yìdiǎnr*, “um pouquinho” ou 小孩儿, *xiǎoháir*, lit. “pequena criança + /r/”), algumas formas puramente fonéticas já são reconhecidas pelo governo como parte do “mandarim padrão”, tal como 哪儿, *nǎr*, “onde” ou em 画画儿, *huàhuàr*, “pintar (um) quadro”, onde o *ér* é usado para contrastar a diferença entre o verbo e o substantivo. O uso atual do *ér* em mandarim poderia indicar um processo muitíssimo incipiente de fonetização do chinês.

²⁵⁵ Exemplo de Kratochvíl, 1968, p.57. A pronúncia /t'ām/ não é considerada padrão.

²⁵⁶ Fonte: desenvolvido pelo próprio autor.

caracteres presos, tipo *cranberries*). DeFrancis (1984, p.185) indica aproximadamente 11% de morfemas polissilábicos.

A noção de *palavra* não foi incluída no esquema acima. Vimos brevemente na seção 2.2 como a palavra é um conceito que se reveste de uma série de dificuldades teóricas em linguística e frequentemente se apela no Ocidente para uma de suas definições mais simples, que é aquela da mancha gráfica: “Pelo critério ortográfico define-se como palavra a sequência de caracteres que aparece entre espaços e ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que forma uma palavra de uma língua” (Ferreira, 2010, p.61). Em chinês nem mesmo tal conceituação se aplica, ao passo que é possível usar a mesma definição servindo para “sílabas”: sílabas são grafemas separados, com a única exceção do grafema *ér* (儿), já comentado. A estrutura fonológica do mandarim também delimita claramente a sílaba: todas as consoantes, à exceção das finais nasais (/n/ e /ŋ/), indicam o início da sílaba.

Devido às características peculiares do idioma chinês e de sua escrita, é comum casos de confusão entre *palavra* e *grafema*. Por exemplo, a afirmação comumente feita em manuais da língua de que basta que se conheça de dois mil caracteres (*hànzì*, 汉字) chineses para se falar e ler a língua é um dos frutos desta confusão: o conhecimento de um caractere não significa de forma alguma conhecer os diversos (e, às vezes, dezenas) de compostos polissilábicos dos quais tal caractere faz parte.²⁵⁷ Os exemplos são inúmeros e basta dizer que a relação do significado de um caractere com as palavras que ele compõe é tênue na maior parte das vezes, o que indica uma complexa relação de composicionalidade dentro das palavras. Sem dúvida, a fronteira entre caractere e palavra no chinês atual é muito sutil, tornada ainda menos aparente no chinês escrito pela falta de espaçamento gráfico entre as palavras.

Vimos acima que apesar da frequente identificação de *palavra*, *sílaba* e *caractere* em chinês, no mandarim moderno há uma alta incidência de palavras dissilábicas. Essa é uma questão que ocupa parte importante da discussão entre foneticistas e seus críticos. Um dos principais argumentos para explicar a

²⁵⁷ No *Xiàndài Hànyǔ Cídiǎn*, das 50.000 entradas lexicais, apenas 2.500, ou 5%, são monossilábicas e cerca de 40.000 são dissílabos - Chen (1981) in Ping, 1999, p.139.

tendência ao polissilabismo da escrita atual em mandarim é aquele diacrônico. Em resumo, ele seria resultado do empobrecimento fonológico do mandarim somado à utilização do *báihuà* como padrão de escrita:

O inventário de sílabas foi drasticamente reduzido à medida que o chinês clássico evoluiu para o chinês moderno. Com as sílabas tornando-se menos e menos diferenciadas, muitas palavras monossilábicas (...) tornaram-se mais tarde homônimas na fala. Como um mecanismo compensatório para esta atrição fonética, um grande número de palavras passou por um processo de di- ou multissilabificação.²⁵⁸

DeFrancis (1984) contesta o que ele chama do “mito do polissilabismo forçado” usando exemplos históricos de palavras multissilábicas com *húdié* já discutido acima:

Ao citar o fato de que o termo para “borboleta” primeiro apareceu em textos como uma expressão dissilábica, Kennedy demonstra que mesmo se alguma das sílabas em tal expressão ocorrer sozinha na literatura subsequente (...) isso obviamente irá contradizer a tese de Karlgren [do polissilabismo forçado] e revela um processo de abreviação monossilábica escrita do termos dissilábicos anteriores.²⁵⁹

Já vimos que justificar o polissilabismo através do empobrecimento fonológico diacrônico significaria misturar diacronia e sincronia na língua chinesa. E uma consequência talvez até mais dramática e inesperada, esta seria um constatação não apenas de que a escrita dá suporte à fala, mas acarretaria uma situação em que a fala dependeria da escrita para o funcionamento de seu sistema, um poder para a escrita que certamente os defensores da hipótese de “polissilabismo forçado” não estariam interessados em conceder.

Parece-me que o esforço de Kennedy, DeFrancis e outros partidários do “polissilabismo não-forçado” da língua chinesa está ligado à tentativa desse grupo de estudiosos de levantar indicações que reforcem os laços entre os grafemas da escrita e as dimensões da fala, neste caso, a sílaba. O polissilabismo autóctone na língua chinesa iria apontar para situações em que alguns grafemas não possuiriam qualquer função semântica (nos termos de Haas, a escrita não seria *plerêmica*, mas também parcialmente *cenêmica*). Os argumentos em prol do polissilabismo não me parecem muito convincentes e a grande maioria dos exemplos apontaria para o caso de empréstimos de palavras e conceitos estrangeiros via transliteração. Ou seja, não como uma característica genuinamente original da escrita chinesa,

²⁵⁸ Ping, 1999, p.85.

²⁵⁹ DeFrancis, 1984, p.182.

mas o produto de uma análise fonológica aplicada para a inserção de tais palavras na língua, à margem dos mecanismos que perfazem o núcleo da escrita chinesa.

Se o aspecto mais visível deste “mito” envolve uma confusão diacronia/sincronia, sua outra face é gerada um outro tipo de confusão. Esse ponto de vista interpreta a fala chinesa como sendo onerada por uma “incidência extremamente alta de homófonos” (Sampson 1985, p.168) que então poderia ser “resolvida” através da escrita: “a imensa ambiguidade dos morfemas chineses modernos na sua forma falada é inteiramente eliminada na escrita” (Ibid., p.170). Aqui me parece que a confusão repousa sobre a relação entre os sistemas da fala e da escrita, e na crença na dependência do primeiro pelo segundo para funcionar de forma satisfatória. Senão como poderiam então se comunicar os chineses analfabetos? Certo, eles teriam maiores limitações em suas possibilidades de nuances expressivas, o que entretanto não significa que estejam desprovidos do uso eficiente da língua.

É totalmente diferente considerar que a escrita chinesa, devido ao seu mecanismo de desambiguação morfêmica tão versátil, tenha uma capacidade expressiva mais poderosa do que a fala. Este argumento, que não presume a dependência da fala da escrita, será retomado na seção IV.2.5, sobre a “Visão não representacionista.”

De qualquer forma, me parece que este é um tema polêmico cuja solução satisfatória final ainda não parece ter sido conclusivamente apresentada nos textos estudados para o presente trabalho.

4.2.2.

Como Classificar a Escrita Chinesa: os foneticistas

Embora reconheçam ligações de alguma espécie entre os grafemas chineses e objetos ou ideias por eles representados, os foneticistas acreditam que é através da indicação fonética que a escrita chinesa adquire a sua existência enquanto um sistema de escrita.

No estudo clássico de Marcel Cohen de 1958 já se esboça essa visão de viés fonético:

O sistema chinês de escrita (...) é uma representação da língua [falada]. Ele se constitui graficamente em razão da existência das palavras monossilábicas e de numerosos homófonos: ele depende portanto da maneira como as palavras se pronunciam em chinês no momento desta constituição.²⁶⁰

De Francis (1984) se baseia no fato de que os grafemas chineses são majoritariamente compostos fonético/semânticos, para interpretar a influência da fala no âmago do processo formativo da escrita chinesa. Os termos que o sinólogo prefere para descrevê-la são *morfossilábico* ou *morfofonêmico*, que exprimiriam os lados semântico e fonético do caractere:

O termo *morfossilábico* é portanto mais informativo do que *logográfico*, *lexigráfico*, *morfêmico* ou *morfográfico*. Estes termos dizem meramente que os caracteres chineses representam palavras ou morfemas, sem nos dizer como. O termo *morfossilábico* deve sugerir que eles o fazem através do intermédio de algum elemento representativo da sílaba.²⁶¹

Essa justaposição dos termos *morfêmico* e *silábico* indica como mesmo os foneticistas reconhecem a importância do argumento semanticista. O que os diferencia é portanto basicamente a importância que os dois campos delegam aos mecanismos por trás da escrita chinesa.

É inegável que na criação e uso dos caracteres chineses haja um elemento de indicação fonética que é importante na escrita. Até que ponto vai essa importância e como o leitor (e o escritor) usam estas indicações fonéticas para decodificar a escrita, são perguntas para as quais não há uma resposta pacífica e consensual.

DeFrancis mostrou ainda (como vimos na seção III.2.4 sobre os indicadores fonéticos) que a indicação fonética provida pelos caracteres na escrita chinesa atual em um primeiro momento parece falha e pobre, mas que ela seria muito mais confiável do que a indicação semântica:

(...) o significado dos radicais dá uma ideia vaga do significado dos caracteres compostos (...) [enquanto] o significado dos indicadores fonéticos, por outro lado, não [dá uma ideia vaga, e sim mais precisa]. São apenas seus sons que contam. Mas também é aparente (...) que os indicadores fonéticos também são apenas parcialmente confiáveis como guias para a pronúncia dos caracteres compostos.²⁶²

²⁶⁰ Cohen, 1958, p.63. O autor porém também reconhece a interveniência da relação semântica direta no caractere, ao escrever: “pode-se se ler ideograficamente o chinês sem se ter conta da pronúncia daquilo que foi escrito” (Ibid., p.63).

²⁶¹ DeFrancis, 1984, p.125.

²⁶² DeFrancis, 1984, p.104.

Em certo momento, DeFrancis parece optar pela via fonética como “mais importante” na escrita chinesa. Talvez por conta do seu programa que objetiva combater as visões as quais ele chama de “ingênuas” sobre o caráter pictográfico daquela escrita, o autor acabe por tomar partido claro do foneticismo:

A principal característica, a fonética, é representada pelos gráficos silábicos (...) a característica secundária, a semântica, é representada pela adição dos radicais.²⁶³

Em primeiro lugar (...) a previsibilidade semântica, uma função basicamente provida pelos radicais, é muito inferior à previsibilidade fonética, uma função basicamente do sistema menos conhecido dos elementos fonéticos. Em segundo lugar, leitores podem derivar mais significado das indicações fonéticas que estão diretamente ligadas aos morfemas (...) do que eles podem através das indicações semânticas.²⁶⁴

DeFrancis também ressalta seguidas vezes a influência “distorcedora” do tempo sobre a representatividade dos caracteres e como “o conhecimento de fonologia, especialmente fonologia histórica, é capaz de oferecer [ajuda] em relação à pronúncia do indicador fonético e deste para o caractere composto” (DeFrancis, 1984, p.105). Além disso obviamente a utilidade dos indicadores fonéticos difere muito de acordo com o regionaeto do leitor/escritor. Tal processo, como indica o autor, é bastante complexo, porém sua conclusão parece inescapável: os grafemas chineses funcionam melhor como indicadores fonéticos do que semânticos e “há muita justificativa para considerar a escrita chinesa como sendo basicamente – isso é, mais do que qualquer outra coisa – um sistema fonético de escrita” (DeFrancis, 1984, p. 111). Em suma, DeFrancis sugere o chinês como uma escrita derivada e plerêmica, na qual o caráter motivado ou arbitrário dos grafemas em relação às coisas representadas não é claro, uma vez que já foi mostrado como a indicação semântica é, em geral, muito pobre e irregular.

Entre os estudos clássicos sobre a escrita, Gelb (1952) toma um claro partido pela escrita alfabética e este viés acaba levando-o a considerar todos sistemas de escrita “mais desenvolvidos” como escritas *fonográficas*, ou seja, expressando diretamente a fala. A seção dedicada exclusivamente ao chinês no livro de Gelb é curta, mas o autor não deixa de incluir nela suas convicções: “a escrita chinesa aparece por volta da metade do 2º milênio aC (...) como um

²⁶³ Ibid., p.123.

²⁶⁴ Ibid., p.126.

sistema fonético totalmente desenvolvido” (Gelb, 1952, p.85, minha ênfase), ainda que conceda que haja “especialmente no chinês elementos que normalmente incluiríamos no estágio semasiográfico de escrita” (Ibid., p. 200).

Diringer (1962) retoma os mesmos argumentos: “no seu período mais antigo, o então muito limitado número de caracteres fonéticos *representava o chinês falado* nesse tempo” (Diringer [1962]1985, p. 74, minha ênfase), e “quando foram feitas as primeiras inscrições por nós conhecidas (...) uma considerável barreira (...) foi erguida, tornando-a uma *escrita fonética simples*” (Ibid., p. 75, minha ênfase). Não é preciso continuar na repetição dos argumentos usados por quase todos os foneticistas, numa importância algo exagerada nos dicionários de rimas, do sistema de notação fonética *fānqié*,²⁶⁵ etc. Diringer é tão confiante na ideia de que eventualmente a escrita alfabética prevalecerá, que chama o sistema de escrita chinês de “uma escrita de transição perante a quase universal adoção e adaptação da escrita alfabética” (Ibid., p. 78).

Viviane Allenton (2008) é uma das autoras contemporâneas que entende a escrita chinesa do ponto de vista da leitura/decodificação como fundamentalmente igual aos outros sistemas de escrita. Baseada em trabalhos de psicólogos e estudos sobre a cognição da escrita chinesa, a autora afirma categoricamente:

Graças ao trabalho dos psicólogos, pode-se afirmar agora que ambas a escrita chinesa e a escrita alfabética se utilizam tanto a audição como a visão, e basicamente da mesma maneira.²⁶⁶

A filiação da autora às hipóteses de *visible speech* de DeFrancis se evidencia ainda mais na seguinte afirmação:

[os mecanismos que permitem ao homem identificar pela visão e memorizar os sinais gráficos] utilizados pela escrita chinesa não apresentam mais do que diferenças mínimas em relação aqueles que se operam nas escritas alfabéticas.²⁶⁷

Outro estudioso dos sistemas de escrita que vê uma maior eficiência na indicação fonética é Florian Coulmas. Segundo ele, os cerca de 1.000 indicadores

²⁶⁵ Os mesmo autores praticamente ignoram o que uso destes dicionários de base fonética foi sempre muito limitado na China. Na verdade, podemos ir mais longe e afirmar que em nenhum momento foi utilizada de forma generalizada e autóctone na China a depuração fonética como forma de análise para utilização na ordenação e classificação dos caracteres: “O problema dos dicionários organizados por tons e rimas da China é que os usuários precisam ter o conhecimento da rima representada nos símbolos especiais. Dessa forma, esse tipo de dicionário serve somente para os intelectuais chineses” (Luo, 2007, p.35). Veja-se também Casacchia (1994).

²⁶⁶ Allenton, 2008, p.54.

²⁶⁷ Ibid., p.57.

fonéticos se relacionam com aproximadamente 1.300 sílabas diferenciadas na fonologia do mandarim moderno ao passo que os 200 e pouco radicais (indicadores semânticos) teriam que dar conta de um número potencialmente infinito de significados. Segundo o autor, “os indicadores fonéticos, numa conclusão que parece inevitável, têm um peso maior em determinar a interpretação de um caractere do que os radicais” (Coulmas, 2003, p. 57).

Mas o próprio autor qualifica suas conclusões de uma maneira mais prudente, parece, do que DeFrancis ou Allenton. Ele cita os mais de 10% de caracteres sem indicador fonético, e os poucos 30% de acerto na indicação fonética precisa, além da óbvia desvantagem que representa memorizar 1.000 indicadores fonéticos para lembrar 1.000 caracteres mais frequentes. Assim o autor acaba por concluir:

Isso não quer dizer que os indicadores fonéticos são ineficientes, mas que sua eficácia depende da outra parte do sistema, os radicais, que por si só são ainda menos eficazes.²⁶⁸

Vislumbra-se portanto um compromisso no lado fonético e semântico no sentido de uma atuação complementar.

4.2.3. Como Classificar a Escrita Chinesa: os semanticistas

Vejamos agora aqueles autores que, por diversos motivos, entendem que a indicação semântica é mais relevante para a escrita chinesa.

Diversos estudos clássicos sobre o chinês apontam para o que chamou-se do caráter pictográfico ou ideográfico desta escrita. Por exemplo:

Os caracteres chineses (...) eram originalmente imitativos; [todavia] eles ainda carregam muito de sua natureza original hieroglífica pois não se combinam em palavras, como letras ou marcas para os sons, e sim encontramos uma marca para um homem, outra para um cavalo, uma terceira para um cão e, em resumo, uma marca separada e distintiva para cada coisa que tem forma corpórea.²⁶⁹

²⁶⁸ Coulmas, 2003, p.57.

²⁶⁹ Astle, 1784, p.163.

No livro clássico de Marguliès de 1943, o autor teoriza sobre uma “língua não fonética” que estaria em nossa mente, e que seria

aquela que adota quase exclusivamente o pensamento quando a língua não procura compor um discurso mas, deixada a si mesmo, segue seu curso próprio. É (...) essa particularidade do pensamento que consiste em operar com as palavras abstratas não revestidas de qualquer forma sonora.²⁷⁰

Esta é uma espécie de mentalismo que Marguliès invoca para introduzir o seu conceito de escrita ideográfica (“*l’écriture idéographique*”):

a escrita ideográfica se prende assim diretamente às palavras das quais falamos, sem ter necessidade de passar pela linguagem sonora como faz a escrita fonética. Ela cria assim um vocabulário sob a forma visual (...) Os ideogramas (...), como o nome indica, fixam por escrito o sentido da palavra que eles escrevem (...)²⁷¹

Embora pareça que o autor francês está descrevendo uma escrita logográfica, da qual falaremos abaixo, as “palavras” com as quais a escrita se relacionaria diretamente seriam aquelas que formam o léxico da “linguagem mental,” ou seja, do próprio pensamento. É por isso que Marguliès chama essa escrita de “ideográfica.”

Sob este ponto de vista, os caracteres chineses representariam, de alguma forma, respectivamente objetos (e abstrações de ações) ou ideias, diretamente e sem a mediação da fala. Numa perspectiva emprestada de uma das metáforas de Saussure, a massa informe do universo gráfico estaria recortando a massa informe do plano das coisas ou das ideias. Já vimos na seção II.2 que uma escrita original (picto ou ideográfica) poderia em teoria ter seus grafemas motivados ou não, e em geral descartamos a possibilidade de um sistema viável ideográfico não motivado, por requerer uma capacidade mnemônica que na prática situa-se além do ser humano.

A relação entre significante (o grafema) e significado deveria portanto ser motivada por algum tipo de semelhança icônica/simbólica entre o grafema e as imagens visuais a qual a ideia estivesse relacionada (ao próprio objeto ou ação representados). Sob este argumento, dependendo da precisão iconográfica/

²⁷⁰ Marguliès, 1943, p.63.

²⁷¹ Ibid., p.65 & 69.

simbólica, seria a princípio possível que tal notação não dependesse da língua ou da fala subjacente ao sistema de escrita.²⁷²

Vimos no Capítulo II que a este tipo de sistema gráfico em que a indicação das “ideias” ou “coisas” é feita diretamente (sem mediação da fala), chamou-se de sistema *semasiográfico*, em contraste com os sistemas *glotográficos*. Haas (1976), como vimos, prefere o termo escrita *original* para se referir às características de um sistema semasiográfico.

Porém mesmo os autores partidários desta visão discordaram a respeito do que exatamente a escrita chinesa deveria representar. Mesmo que excluamos aqueles primeiros estudos anteriores ao século XX, alguns dos quais pareciam carecer de um melhor conhecimento sobre o chinês e sua escrita, ainda temos autores que apoiam tal ideia através de argumentos teóricos mais modernos.

Em geral, entretanto, mesmo os autores que defendem uma maior relevância do aspecto semântico na escrita chinesa, em geral repudiam o argumento semasiográfico, como fez Sampson (1985):

É necessário (...) prevenir-se contra o erro alternativo, nomeadamente aquele de supor que a escrita chinesa seja semasiográfica (...) [pois ela] é amplamente glotográfica: ela simboliza unidades de uma língua falada em particular.²⁷³

Sua proposta é uma alternativa a qual chamou-se de *argumento logográfico*, que sugere um sistema de escrita *derivado* (não original), mas ainda cujos grafemas são *semanticamente informados*. Neste caso, os caracteres estariam representando palavras (da fala) e as ideias somente através destas palavras. Vimos na seção I.2 deste trabalho, que autores como David Olson inclusive consideram que é na passagem da representação pictográfica para a logográfica que nasceria um verdadeiro sistema de escrita.

Assim escreveu Peter duPonceau, presidente da *American Philosophical Society* em 1838:

Eu tentarei provar, por esta dissertação, que os caracteres chineses representam as palavras da língua chinesa, e as ideias apenas através destas [palavras] (...) Os caracteres chineses (...) [portanto] são conectados com os sons, não como são as letras do nosso alfabeto tomadas separadamente, mas como grupos formados por essas letras quando estão unidas sob a forma de palavras.²⁷⁴

²⁷² Um discussão mais extensa sobre a iconicidade da escrita chinesa se apresenta na seção IV.3.

²⁷³ Sampson, 1985, p.149.

²⁷⁴ DuPonceau, 1838, capítulo XI.

Esta visão é compartilhada por Ping escrevendo 150 anos mais tarde:

Os leitores chineses tendem a prestar mais atenção aos significado aludido pelas formas gráficas dos caracteres do que seus valores fonéticos, não é incomum para leitores chineses reconhecer o conteúdo semântico dos caracteres sem serem capazes de pronunciá-los.²⁷⁵

(...) o sistema de escrita chinês é caracterizado como logográfico, e seus grafemas, isso é, caracteres, como morfossilábicos.²⁷⁶

Charles Li and Sandra Thompson também mostram sua filiação ao campo semântico num artigo escrito em 1982:

O sistema de escrita chinesa é único entre as escritas modernas. Isso porque em chinês cada caractere, ou logograma, representa um unidade semântica ou gramatical. Ele não transmite informação fonológica exceto em certos logogramas compostos (...) e mesmo nestes casos, a informação fonológica provida (...) é baseada em outros logogramas, cuja forma não oferece informação sobre sua pronúncia.²⁷⁷

E Sampson escreveu em 1985:

Enquanto a família semítica é fonográfica, o sistema chinês [de escrita] é logográfico. Um gráfico (*sic*) do sistema de escrita chinês representa (“*stands for*”) não uma unidade de pronúnciação, mas um morfema, a mínima unidade significativa da língua chinesa.²⁷⁸

Finalmente, bem recentemente, por Fischer (2009):

No passado, o sistema representava essencialmente uma fonografia incompleta (...) No entanto, o chinês falado mudou ao longo dos séculos (...) Desta forma, a escrita chinesa tornou-se inteiramente logográfica (sentido e som, mas principalmente sentido).²⁷⁹

Porém já vimos anteriormente como *palavra* é um conceito que parece escapar a qualquer definição. O que precisamente significaria dizer que “um caractere representa uma palavra”? Também não poderíamos perfeitamente dizer que “um caractere (no chinês) é uma palavra” ou que “cada caractere chinês corresponde a uma palavra”? Uma alternativa ligeiramente diferente prefere o uso do termo linguístico um pouco mais rigoroso, o *morfema*. Nessa linha um

²⁷⁵ Ping, 1999, p.105.

²⁷⁶ Ibid., p.132.

²⁷⁷ Tannen (ed) (1982), capítulo V: *The Gulf Between Spoken and Written Language: A Case Study in Chinese*, p.77.

²⁷⁸ Sampson, 1985, p.145.

²⁷⁹ Fischer, 2009, p.154. Entretanto logo adiante em seu livro, o autor acrescenta que “os elementos significantes na verdade tem um papel restrito na decodificação dos caracteres chineses. O foneticismo é muito mais importante no processo de leitura.” (Ibid., p.155).

caractere representaria um morfema e a escrita chinesa seria morfográfica (ou morfêmica):

O fato de que a unidade linguística sobre a qual todo o sistema de escrita (*script*) chinês está montado é o morfema é inquestionável. Se há necessidade de usar um termo especial para tal sistema, um sistema de escrita morfêmico é talvez o mais adequado.²⁸⁰

M.A. French se une a Kratochvíl ao preferir o termo *morfêmico* a *silábico*, uma vez que o primeiro expressa a relação íntima do grafema com o(s) morfema(s) correspondente(s) até mesmo quando entremeados com o processo (fonológico) de transliteração de palavras estrangeiras. Escreveu French:

Vimos que, embora muitas palavras estrangeiras sejam ortografadas silabicamente, o sistema de escrita chinês tradicional é basicamente morfêmico.²⁸¹

Não é apropriado chamar [a escrita chinesa] de um sistema logográfico (...) uma vez que o termo “logográfico” significa, ou é mais naturalmente interpretado como significando escrita da palavra (*word-writing*) ao passo que são morfemas, e não palavras, que os caracteres chineses representam.²⁸²

Esse autor toma cuidado ao diferenciar a escrita clássica (*wényàn*), considerada por ele esquematicamente na forma: *1 grafema* → *1 morfema* → *1 palavra* e *1 morfema* → *1 sílaba*, da escrita atual (que chama de *mandarim moderno padrão*), cujo léxico está repleto de palavras polimorfêmicas e polissilábicas. French argumenta que no mandarim padrão há muito mais palavras que morfemas e que seria impraticável um sistema que objetivasse a completa representação destas palavras. No entanto o autor não faz uma análise quantitativa para apoiar seu argumento, por exemplo, para mostrar por que o número de morfemas somente seria “administrável” num sistema de representação morfêmica, mas não de palavras.

Se o contraste entre sílaba e morfema é significativo e reflete de certa forma a polêmica fonética/semântica sobre a escrita chinesa, a distinção entre escrita logográfica ou morfêmica é mais sutil. Como já vimos que o próprio entendimento do que é *palavra* em chinês é mais complexo e “deslizante” do que em outras escritas, talvez essa seja uma discussão um tanto estéril, como propõe Sampson:

(...) não há muito sentido em discutir se a escrita chinesa deveria ser descrita como *morfêmica* ou um sistema baseado na *palavra*. Tecnicamente ela é morfêmica,

²⁸⁰ Kratochvíl, 1968, p.157.

²⁸¹ French (1971) in Haas ed, 1976, p.115.

²⁸² Ibid., p.105-6.

porém na maior parte dos casos, as palavras em chinês podem ser identificadas com os morfemas. (...) [C]omo o termo *palavra* é muito mais natural em inglês do que *morfema*, me permitirei chamar os gráficos (*sic*) chineses como referindo-se a *palavras*.²⁸³

Ainda segundo Kratochvíl, a relação entre caractere, sílaba e morfema em chinês é muito próxima, embora imperfeita²⁸⁴:

(...) a imensa maioria dos morfemas no mandarim padrão corresponde a uma única sílaba. Há casos entretanto de morfemas que são representados por partes de sílabas ou por arranjos de duas ou mais sílabas. A proporção destes casos é muito pequena (...) [e] cada um deles pode ser explicado como resultado de um processo tendo em seu início um morfema representado por uma sílaba. Estritamente falando, a proposta de uma relação um a um entre a sílaba e o morfema no mandarim padrão é portanto falsa, mas pode ser aproximadamente aceita para todos efeitos práticos.²⁸⁵

Devido à dificuldade em tratar o termo *palavra* me parece ser mais apropriado referir-se à escrita chinesa como sendo *morfêmica*. Ou talvez, alguma combinação do termo *morfêmica* e *fonética*, como propuseram acima alguns defensores do campo foneticista, só que sem esquecer a prevalência do primeiro termo sobre o segundo.

Alguns autores da filiação semanticista mais radical recusam o argumento de que o chinês é uma escrita derivada, raciocinando desta forma: a escrita chinesa atualmente não é tão claramente pictográfica devido às estilizações e simplificações ocorridas durante a sua longa história, mas ela, na sua origem e âmago, permanece pictográfica. No entanto, não é difícil demonstrar a ingenuidade de tal argumento. Em primeiro lugar, raízes pictóricas são encontradas em outros sistemas de escrita (como já foi discutido na seção II.1). E mais importante que isso, a tese da “origem pictográfica” mais uma vez confunde aquilo que nos ensinou Saussure há cem anos: não devemos misturar diacronia com sincronia. Tal argumento se constrói com base numa história (diacronia) da escrita chinesa e não examina como ela se organiza enquanto um sistema em sua situação atual (sincronicamente).²⁸⁶ Foi através da análise da notação chinesa

²⁸³ Sampson, 1985, p.148.

²⁸⁴ Vimos acima estudos indicando que 87,5% dos morfemas mais usuais correspondem a um caractere e que 95% dos morfemas em chinês são monossilábicos.

²⁸⁵ Kratochvíl, 1968, p.57.

²⁸⁶ Saussure elaborou esta distinção para a fala, uma vez que ele mesmo oferece à escrita um lugar secundário e fora da investigação linguística. Entretanto vimos na seção I.2 como vários autores

atual, de seus caracteres e da forma como eles se articulam entre si e com as outras dimensões da linguagem, que se procurou demonstrar neste trabalho como a escrita chinesa é bem sucedida e um eficiente sistema que supre todas suas funcionalidades comunicacionais, expressivas, etc. Tal interrelação necessariamente passa pelo jogo entre os indicadores semânticos e aqueles fonéticos, que estão presentes na maioria dos caracteres.

Há por outro lado uma consequência muito importante da tese da “origem pictográfica”: se o chinês escrito em algum momento já foi mais “pictórico,” ao ponto que poderia ter sido considerado um sistema de escrita sustentado exclusivamente por esta base, esse fato já seria um argumento forte para provar que a escrita é *potencialmente* independente da fala. O ponto para discutir aqui é em que momento que uma escrita torna-se realmente um sistema de escrita e quando ela é uma mera *protoescrita*, de uso limitado, questão sobre a qual se debruçaram autores como DeFrancis, Coulmas e Allenton. Estes autores escreveram que em suas origens, o chinês (tal como o sumério ou o maia) nasceu não como um sistema de escrita plenamente desenvolvido, com características necessárias para tal, como a *autoindexicalidade* e a *convencionalidade*. Foi, em vez disso, uma forma de protoescrita com potencial expressivo restrito. A distorção ao chamar a escrita chinesa de pictográfica teria sido provocada pelo “fato de que alguns pictogramas chineses não sofreram uma mudança na forma paralela à mudança na função [o que] obscurece a significância da mudança que ocorreu” (DeFrancis, 1984, p. 140).

Estaria tão errado, segundos estes autores, falar naquele chinês como um sistema de escrita assim como dizer que a notação matemática ou química formariam, por si só, um sistema completo de escrita não mediado pela fala.

Há todavia uma outra crítica que se pode fazer sobre os estudos apresentados em DeFrancis e os foneticistas e sua base argumentativa. Todos trabalhos sobre a representatividade fonética da escrita chinesa foram feitos observando um *corpus* de caracteres, tentando identificar as regularidades existentes entre a sua pronúncia e seus aspectos gráficos. Seria como se estivéssemos diante de textos em português sobre os quais conhecemos a

consideram a escrita com um sistema semiológico e portanto igualmente sujeito às ideias de Saussure.

pronúncia, mas não as regras ortográficas da escrita da língua portuguesa e estivéssemos querendo intuí-las através deste *corpus*. Acontece porém que a escrita do português, bem como a escrita *kana* japonês, o *hangul* coreano, a escrita árabe, etc., e todas mais estudadas para este trabalho surgiram enquanto notação através de duas caminhos alternativos: 1) a invenção deliberada e localizada no tempo, (por exemplo, o *hangul*, o *kana* e o silabário *Yi*); ou 2) através de um lento processo de evolução e adaptação ou na troca de notações entre diferentes línguas (como as escritas semíticas e o próprio alfabeto ocidental). A evolução posterior dos sistemas de escrita se deu sempre em presença da língua falada à qual se relacionou a escrita em questão. Tal relação, que envolveu convencionalidades ortográficas, também sofreu modificações diacrônicas, que aproximaram ou afastaram a escrita de sua relação com a unidade fonológica em questão (fonemas, *morae*, sílabas, etc.).

O que DeFrancis faz e mostra são estudos que tomam um *corpus* do chinês *a posteriori* para identificar uma relação que nos outros sistemas de escrita evoluiu a partir de um momento *a priori*. Se o sistema gráfico do chinês escrito hoje apresenta alguma relação entre a forma gráfica e a pronúncia dos caracteres, isso não é de forma alguma prova de que, no desenvolvimento da escrita chinesa inicialmente tenham sido utilizados processos de análise fonológica, mas sim que, *ao longo de sua evolução*, no processo de expansão do léxico, artifícios fonológicos foram usados para facilitar o reconhecimento dos novos caracteres e imbuir o sistema de alguma regularidade. Voltamos portanto novamente à questão crucial neste debate: será que a escrita chinesa somente pode ser considerado um sistema de escrita pleno quando seus caracteres passaram a adotar processos fonológicos? Tais processos fonéticos teriam sido realmente necessários para a que a escrita chinesa assumisse todas as potencialidades de um sistema de escrita?

Neste aspecto não me parece correto equacionar a escrita chinesa com outras escritas silábicas cujos grafemas foram deliberada e especificamente desenvolvidos para atender as necessidades fonéticas da língua, como o *kana* japonês ou o silabário *Yi*. Assim, como já vimos neste capítulo, a escrita chinesa antes de ser considerada como silábica, seria mais corretamente chamada de morfêmica. E por outro lado, respondendo às questões do parágrafo anterior, parece que sim, que a escrita chinesa plenamente desenvolvida deve ser

considerada *derivada* (na sua relação com a fala), embora em algum momento histórico ela possa ter sido *original*. Neste sentido não me parece correto incluir, como afirmam Allenton e DeFrancis, o chinês como mais um sistema de escrita, ou melhor, classificar todos os sistemas de escrita como “*visible speech*”. Esta classificação ignora algo que me parece fundamental para entender a escrita chinesa e suas peculiaridades: há fortes indícios de que o chinês é o único sistema de escrita atual que não surgiu por invenção deliberada mas que também não veio por empréstimo de outra língua. Reconheço que esta é uma afirmação ousada, e que requer uma pesquisa além do escopo do presente trabalho para ser corroborada e testada.

Como propõe Olson (1994), introduzido no capítulo II, é no momento dos empréstimos interlinguais que a escrita provoca uma reavaliação da própria língua na qual ela passou a ser utilizada. Tal reavaliação jamais ocorreu na escrita chinesa. E talvez seja por isso que ela continua a ser semanticamente cheia.

4.2.4. Como Classificar a Escrita Chinesa: síntese

Após olharmos diversas visões representacionistas sobre a escrita chinesa e os discursos foneticistas e semanticistas, a despeito das polêmicas e desacordos, me parece que podemos identificar alguns padrões. No presente trabalho procurarei estabelecer quais os padrões que são mais relevantes e até mesmo oferecer uma sugestão da minha posição teórica sobre o assunto. Vou retomar a tipologia sugerida por Haas (1976) na seção 2.2, repetindo aqui para a conveniência do leitor a tabela apresentada e discutida naquele capítulo:

Tabela 7- Tipologia de Escrita

Categories		Interlingual (c/ fala)	Intralingual (c/mensagem)	Extralingual (c/"coisas")	tipos de escrita
Opções		(+) derivado (-) original	(+) informado (-) vazio semant.	(+) motivado (-) arbitrário	
Escrita Original		(-)	(+)	(+)	(1)
		(-)	(+)	(-)	(2)
Escrita Derivada	Plerêmica	(+)	(+)	(+)	(3)
		(+)	(+)	(-)	(4)
	Cenêmica	(+)	(-)	X	(5)

Em primeiro lugar, parece ter ficado claro que a escrita chinesa na sua relação com o conteúdo semântico da mensagem é basicamente uma escrita informada (vs. vazia semanticamente), ou seja, que seus caracteres quase sempre apontam para alguma interpretação semântica e, caso não o façam, o motivo seriam devido ao fato de que são, na maior parte (ou totalidade?), empréstimos de outras línguas, não autóctones. “A multiplicação das transcrições fonéticas de palavras estrangeiras não causou a evolução da escrita chinesa na direção de um sistema silábico” (Allenton, 2008, p. 127).

Em segundo lugar, na relação íntima da escrita chinesa com a língua chinesa falada contemporaneamente (no caso, o padrão *pǔtōnghuà*), me parece incontestado que a indicação fonética é muito presente e importante e que ela é relevante também na leitura e na identificação dos caracteres. Enfim, a fala chinesa especificamente se articula com a escrita chinesa. Portanto, na terminologia acima, estamos falando sincronicamente de uma escrita derivada (em oposição a um sistema original).

Assim, tratar-se-ia de uma *escrita plerêmica*, referindo-se aos números (3) e (4) acima. Voltamos então à questão da arbitrariedade dos signos. Podemos retomar o texto de Haas (1976) que parece nos ajudar nesta questão:

Quando um pictograma tradicional, numa escrita plerêmica predominantemente motivada, estende sua correspondência para homônimos da palavra que suportava seus usos motivados, então, nessas suas novas ligações, a referência motivadora extralingual do pictograma deixa de ser relevante. O signo que era motivado adquiriu usos arbitrários (...) Ao mesmo tempo, a ligação do signo com a língua falada específica fica significativamente reforçada.²⁸⁷

O que Haas está dizendo é simplesmente que, a partir do momento em que se verifica uma operação de rébus, a relação gráfica grafema/*designatum* torna-se

²⁸⁷ Haas, 1976, p.170-171.

arbitrária.²⁸⁸ Uma vez que este mecanismo opera sobre a homonímia (ou quase homonímia), vemos como pode ser importante a fonologia da língua em questão para uma evolução nesta direção. Voltando a Haas:

(...) os limites a que este mecanismo de extensão homofônica [rébus] pode ser levado depende do número de morfemas ou lexemas homônimos que a língua oferece. Características linguísticas incidentais deste tipo favoreceram a evolução da escrita suméria e chinesa.²⁸⁹

Percebemos aqui a importância e influência da fonologia de uma língua especificamente sobre a evolução deste tipo de sistema de escrita. Torna-se portanto uma hipótese defensável, que mereceria ser explorada, aquela que afirma que se a fonologia chinesa não tivesse algumas de suas características peculiares, como alto grau de homofonia (ajudado pela existência dos tons, formando “quase homófonos”) e a sintaxe chinesa não fosse primariamente do tipo isolante, a escrita chinesa teria tido maiores dificuldades em manter-se do tipo plerêmica e talvez experiências com uma escrita cenêmica pudessem ter sido melhor sucedidas.

No caso de empréstimos de sistemas de escrita entre diferentes línguas, a adaptação resultante muitas vezes deu o espaço para mudanças radicais dentro do sistema de escrita. Esta “liberdade” estaria, segundo análise de Haas, convincentemente na base da criação de novos sistemas de escrita:

É razoável supor, mesmo na ausência de uma evidência mais conclusiva, que a escrita consonantal semítica desenvolveu-se do empréstimo do sistema egípcio, como a escrita silábica acadiana do empréstimo do sistema sumério e o japonês (do tipo silábico) do empréstimo do sistema chinês.²⁹⁰

Novamente, retomamos o ponto da importância da relação entre a escrita e a língua chinesa ter se mantido intacta desde sua origem histórica e que não tenha havido a influência de um empréstimo de um sistema de escrita estrangeiro na China.

Concluindo esta seção, do ponto de vista representacionista, podemos considerar a escrita chinesa atual como derivada, plerêmica e apenas parcialmente motivada.

²⁸⁸ Essa é uma conclusão digamos, de cunho mais “linguístico.” Na seção IV.3 sobre iconicidade da escrita chinesa vimos na análise de Campos (1977) perspectivas bem diferentes.

²⁸⁹ Haas, 1976, p.172.

²⁹⁰ Ibid., p.203.

4.2.5. O Ponto de Vista do Leitor

Como vimos acima, muitos estudos sobre a escrita chinesa se debruçaram sobre o léxico escrito na tentativa de analisar os caracteres, dissecando-os em seus indicadores fonéticos ou semânticos e comparando-os com a atual pronúncia e o significado de cada caractere. DeFrancis e aqueles que apoiam o ponto de vista foneticista acreditam que os indicadores fonéticos são mais importantes e eficientes na indicação do significado e, mais ainda, que não seria possível um sistema de escrita sem esta relação de dependência escrita/fala. Por outro lado, autores como Ping, Kratochvíl e Haas privilegiaram o aspecto semântico, mesmo que reconheçam a escrita chinesa como dependente da fala (na metalinguagem de Haas, uma escrita derivada, e não original).

A leitura desses textos dá a impressão de que parte expressiva do pendor para um lado ou para o outro é quase uma questão de avaliação subjetiva e de motivação programática (como quando DeFrancis em seu livro de 1984 se propõe a derrubar todos os “mitos” sobre a escrita chinesa).

Uma maneira de procurar avaliar de forma mais objetiva a articulação da fala e significado na escrita chinesa seria através de testes de psicolinguística, que estimariam a maneira como o leitor (e também o escritor), no seu ato de leitura, estaria processando cognitivamente os caracteres. Parece-me que só mais recentemente se tem dado mais atenção a este tipo de estudo e portanto não há ainda uma bibliografia extensa associada a ele. Entretanto alguns autores pesquisados, como veremos a seguir, debruçaram-se sobre o assunto.

Porém antes de ir a eles, é preciso uma observação. Não julgo correto esperar que dados sobre a velocidade de processamento necessariamente implicariam conclusões científicas e incontroversas sobre qual seria o aspecto privilegiado e portanto a “verdadeira natureza” da escrita chinesa. O objetivo aqui seria oferecer algumas indicações para melhor entendermos esta natureza, mas seria errado e perigoso tirar conclusões gerais com base em apenas um dos aspectos da escrita, uma vez este caminho ignoraria todos os fatores extra-processamento aqui analisados sobre a escrita.

Viviane Allenton (2008) é uma autora que levantou alguns dados sobre processamento de leitura em chinês na defesa de sua posição foneticista.²⁹¹ Segundo a autora, os primeiros estudos da década de 1970 com habitantes de Hong Kong pareciam apontar para uma maior lentidão de resposta dos chineses frente aos estímulos orais do que escritos em relação àqueles que tinham o inglês como língua materna (e assim privilegiando a cognição semântica).²⁹² Todavia, quando os testes foram redirecionados para os falantes de mandarim, a questão da diglossia cantonês/mandarim do chinês de Hong Kong sumiu e com ela a diferença de tempo de resposta na comparação com falantes do inglês.

A primeira experiência que demonstrou claramente a importância do som no processamento da leitura chinesa, segundo Allenton, teria sido publicada em 1977.²⁹³ Sem se fixar nos detalhes dos experimentos, as principais conclusões foram que: 1) os indicadores fonéticos se mostraram importantes na memorização das formas gráficas, 2) a homofonia afetou não somente a memorização dos caracteres isolados, mas também de frases inteiras. Ao que Allenton conclui: “Parece que a função essencial da forma sonora na leitura é de servir de apoio à memória” (Allenton, 2008, p. 58). Outras experiências em japonês teriam confirmado os resultados para o chinês,²⁹⁴ mostrando que a substituição de *kanji* (caracteres chineses) errados no texto trouxe maiores dificuldades de processamento quando o caractere errado não era homófono do que se fosse. “Em chinês [também] se identificam os caracteres que não tenham identificador fonético, mas de uma forma mais lenta” (Allenton, 2008, p. 64).

Segundo Allenton, estes estudos (e outros) mostrariam o contraste entre o processo de leitura versus a identificação visual dos caracteres tomados individualmente:

O fato de que a escrita chinesa funciona como as escritas alfabéticas a partir do momento em que é usada em segmentos maiores (...) [nos] obriga a insistir no estatuto particular do caractere isolado, “fora da escrita.” Sabe-se bem que a leitura

²⁹¹ Allenton, 2008, p.54-63.

²⁹² In-Mao Liu et al, *The Long-term Modality Effect: in Search of Difference in Processing Logographs and Alphabetic Word, Cognition*, 43, 1972, p.31-66.

²⁹³ Tzeng e Hung (1977) *Speech Recoding in Reading Chinese Characters, Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 1977, vols 3-6, p.621-30. In Allenton, 2008, p.57.

²⁹⁴ Matsunaga, Sashiro (2002). *Are Chinese Characters Ideographs?* in Mary S. Erbaugh, *Difficult Characters*, Ohio State University, 2002 p.75-91. In Allenton, 2008, p.59.

de um texto e a parada breve sobre uma forma gráfica são duas operações essencialmente diferentes.²⁹⁵

Para a autora uma parte da motivação do reconhecimento dos caracteres chineses como pictográficos advém da confusão entre estes dois processos.

Outro estudo sobre o assunto foi publicado em 2006 por Charles Perfetti e Ying Liu.²⁹⁶ Esse artigo indica que a equivalência fonológica entre o indicador fonético e a pronúncia do composto é maior nos caracteres menos usuais, onde tal indicação seria mais importante no auxílio da leitura.²⁹⁷ O trabalho segue uma linha abertamente foneticista e universalista e faz referência ao *Universal Phonological Principle* (UPP, Princípio Fonológico Universal)²⁹⁸. Assim “embora a informação gráfica inicie a identificação [do caractere], a ativação fonológica segue-se imediatamente após e é parte do momento psicológico de identificação através dos sistemas de escrita” (Ibid., p.227).

Uma vez que a maior parte dos trabalho de psicolinguística e estudos de processamento pareçam se basear em uma premissa mais formalista, seria natural esperarmos o destaque dos aspectos fonéticos no processamento da leitura do chinês, aplicado universalmente a todas os sistemas de escrita. De qualquer forma, as fontes estudadas para este trabalho foram poucas e vistas de forma um tanto superficial e mereceriam uma maior dedicação.

4.2.6. Alternativas não Representacionistas

O longo embate entre sinólogos e linguistas a respeito das características da escrita chinesa e na disputa pelo melhor termo para caracterizá-la acaba por camuflar um ponto aparentemente pacífico em que (quase todos) se mostram de acordo: a escrita chinesa, e seus caracteres, *representam* alguma coisa. Esses autores portanto subscrevem uma visão representacionista da escrita e assim

²⁹⁵ Allenton, 2008, p.63.

²⁹⁶ Perfetti & Liu (2006).

²⁹⁷ Embora os autores mantenham que a eficiência do indicador fonético em geral é baixa.

²⁹⁸ Citado na página 25 deste trabalho

deixam de lado o exame de uma série de questões que envolvem o estatuto da escrita dentro da linguagem, habilitadas sob uma perspectiva não representacionista.

Por exemplo, quando se discutiu a revisão desconstrutivista de Derrida para a linguagem e a relação entre fala e escrita, foi apresentada a noção de linguagem como jogo livre dos significantes.

Alguns exemplos em chinês enfatizam a maneira diferente que esse deslizamento dos significantes ocorre, quando comparado às situações, por exemplo, no léxico do português. Os exemplos mais nítidos são daquelas palavras que foram “importadas” para o chinês, que inicialmente foram tentativas de expressão de conceitos estranhos e estrangeiros ao pensamento canônico chinês, mas que com o tempo adquiriram vida própria.

O exemplo em questão²⁹⁹ é um termo que tem especial conotação para a modernidade chinesa, o nome 启蒙 (*qǐmēng*), palavra chinesa geralmente traduzida como “Iluminismo”. O primeiro termo, *qǐ*, 启, significa “abrir,” “começar,” enquanto o segundo termo foi utilizado pela sua sonoridade,³⁰⁰ que lembra o som final em “enlightenment”. Sem dúvida DeFrancis e os foneticistas usariam logo este exemplo para mostrar a importância da fonologia na organização da escrita chinesa. Todavia acredito que há mais a se pensar a partir deste exemplo.

Para os europeus, o Iluminismo é um processo histórico bem localizado e inserido no pensamento do continente. Já na China ele foi utilizado para justificar um espectro variado de temas, motivados ou necessários dentro de vários contextos ideológico-culturais. O termo *qǐmēng* assumiu uma vida própria, não se prendeu a um feixe de explicações, posturas e comportamentos, mas ajudou a gerar conceitos novos na China. Para os intelectuais do *Movimento 4 de Maio*, no seu fervor por romper as amarras com o passado intelectual da China Imperial, *qǐmēng* foi usado justamente como uma “quebra das tradições”; já na 2ª Guerra Mundial, *qǐmēng* se transformou em (mais uma das palavras) para denotar

²⁹⁹ Exemplo retirado de Luo, 2009, p.146.

³⁰⁰ *Mēng*, 蒙, sozinho no mandarim moderno significa “adivinhar,” “inconsciente,” “trapacear,” entre outras acepções.

“patriotismo”; e ainda na China pós-Mao, voltou-se para significar uma “crítica à ortodoxia marxista.”

Tamanho deslizamento se reflete nas acepções que a palavra tem num dicionário chinês na internet: “instruir os jovens,” “iniciação,” “acordar alguém da ignorância,” “liberar alguém do preconceito ou superstição,” “cartilha/livro elementar,” “iluminado,” “Iluminismo,” e até “ensinamento ocidental do final da dinastia Qing.”³⁰¹ Essa relação entre léxico e significado é um assunto muito controverso da área de Semântica Lexical e sem dúvida mereceria um estudo muito além do escopo do presente trabalho.

Vimos ao longo deste trabalho estudos que argumentaram que o chinês não deveria ser considerado no seu cerne uma escrita pictográfica ou ideográfica. Entretanto, por trás da retórica e da ingenuidade de algumas análises de Ernest Fenollosa,³⁰² podemos vislumbrar uma harmonia muito grande do seu pensamento com o “ideário” oriental chinês (como veremos mais adiante na seção IV.5 deste trabalho). Fenollosa, através da sensibilidade da poesia procura atingir uma leitura “não comum” dos caracteres chineses. Uma leitura onde se torna menos importante tentar entender o que está “por trás,” do seu significado e da sua função comunicativa, e se valoriza o movimento emocional provocado em consonância com o “movimento gráfico” dos caracteres chineses. Fenollosa não se cansa de nos lembrar como os caracteres estão vivos e em movimento, o que Haroldo de Campos na sua análise sobre o texto de Fenollosa chamou de “efeito cinético-partidural.”

Campos nos lembra bem como Jakobson ensinou que, ao pensarmos na função poética da linguagem, seu uso referencial passa para um segundo plano: na “poesia (...) toda coincidência fonológica é sentida como um parentesco semântico” (Campos, 1977, p. 39). Esse jogo fonológico/semântico não opera somente dentro da relação do signo linguístico falado, mas ao chamar a atenção para o significante, acaba por ressaltar o lugar onde o significante tem maior presença física, ou seja, na escrita. É claro que há poesia falada, declamada, mas o movimento concretista chamou a atenção para o espaço do suporte físico da poesia e através dele podemos talvez vislumbrar uma relação entre a poesia escrita

³⁰¹ www.xiaoma.info, acessado em 29/09/10.

³⁰² Fenollosa (1912) foi discutido em detalhe na seção I.2.2.

chinesa e sua declamação que não víamos antes. Fenollosa observou que a escrita chinesa se oferece à exploração da função poética, abrindo espaço para o jogo fonológico/semântico também no *signo linguístico escrito*.

O autor e poeta dá um exemplo do caractere 洋, *yáng*, que tem as acepções de “estrangeiro” e “oceano.” Uma análise técnica indicaria o radical 氵 de “água” contribuindo semanticamente, adjunto ao indicador fonético 羊, *yáng*, cujo significado “carneiro” estaria descartado em prol do seu papel fonético. Segundo o autor, não seria essa a visão que tal caractere ofereceria ao poeta, cuja mente “não resistiria a essa viquiana ‘fábula em miniatura’” (Ibid., 43) em imagens de “um rebanho de ovelhas em movimento [que] nos lembra o rolar das ondas encrespadas no mar largo” (Ibid., p. 43).

A coordenação de caracteres em elementos formadores construiria uma rede de relações que muito interessou à análise de Fenollosa. Como diz Campos: “O que interessava a Fenollosa era aprofundar esta ‘analogia estrutural’, discernir as linhas de força da natureza e captá-las numa nova síntese harmoniosa” (Campos, 1977, p. 43). Esta não é propriamente uma análise linguística da língua e escrita chinesa, o que não interessava diretamente ao orientalista americano, mas um modelo cuja “validez (se não sua veracidade) só se comensura com propriedade no exercício da (...) função poética da linguagem, escopo último da análise fenollosiana” (Ibid., p. 47). Neste modelo somos levados a pensar os caracteres chineses como pequenos fragmentos de estórias, testemunhos do pensar milenar chinês cristalizados na sua escrita de uma forma que não seria possível nos sistemas de escrita fonéticos (ou, como diz William Haas, *semanticamente vazios*). Tais estórias são evocadas pelos caracteres quando lidos na sua função poética, e portanto não importa se estas leituras sejam etimologicamente corretas ou não, mas sim o efeito que esta “pseudo-etimologia” ou “pseudo-sinologia” provoca no leitor, liberando sua “clarividência latente” (Ibid., p. 48 e 49). É interessante ver na análise de Fenollosa, discutida por Campos e naquela de pensadores amigáveis aos seus conceitos, a semente da “escrita universal”, não como um sistema de comunicação que transcende o falar (tal como tentaram Charles Bliss e Otto Neurath, entre outros), mas capaz de evocar emoções e aludir significados na sua atividade poética:

Um leitor, mesmo ignorante do chinês, pode ser sensível ao aspecto visual desses caracteres, cuja sucessão se harmoniza com o sentido do verso (...) [já] um leitor que conheça o chinês não deixará de descobrir, através dos ideogramas, uma ideia sutilmente dissimulada (...) ³⁰³

A estilização diacrônica progressiva dos caracteres, ao mesmo tempo em que oferece múltiplas interpretações às suas análises poéticas, também pode ser um dificultador, quando parece que afasta os caracteres de sua realidade ideográfica. Neste sentido Campos cita também outro trabalho, *Lingua cinese come metodo di poesia* de Girolamo Mancuso (1974), que analisa o impacto gráfico da escrita chinesa na interpenetração dos conceitos de pintura, caligrafia e poesia naquela cultura. Como escreve Mancuso, em citação de Campos:

(...) o que conta não é sua natureza *ideo-gráfica*, mas o seu cunho *gráfico*; isso se patenteia de modo evidente através das formas “cursivas,” que se afastam ao máximo da reprodução “iconográfica,” e nas quais é exaltada a qualidade puramente gráfica do signo. ³⁰⁴

“(...) o que importa no ensaio de Fenollosa não é o argumento “pictográfico” (ideograma enquanto pintura de ideias *via* coisas), mas o argumento “relacional” (ideograma enquanto processo relacional, enquanto metáfora estrutural). ³⁰⁵

Ao discutirmos sobre os pensares orientais, veremos quão íntima é a relação da escrita chinesa com a sua cultura e como estes argumentos acabam sendo retomados. E na seção IV.1 sobre a diacronia chinesa já vimos também que embora os caracteres chineses tenham sofrido uma evolução gráfica e estética, nenhum deles jamais foi totalmente eliminado, ou seja, sua presença na rede de relações a que se refere Campos acima permanece preservada.

Também do lado da fonologia a língua chinesa parece colaborar para esse efeito poético e alusivo potencializado através da escrita. Dada a expressiva homofonia da língua, a fonética simbólica no chinês é ainda mais importante do que em outras línguas mais ricas fonologicamente. Num exemplo bastante citado, o número “quatro” (sì, 四) é evitado por sua semelhança fonética com “morte” (sǐ, 死). Tamanho é o tabu em relação à palavra “morte” que na língua chinesa, repleta de homófonos perfeitos (sílabas+tom) há somente uma acepção para /si/ do terceiro tom. Ou seja, não há homófonos perfeitos de “morte,” o que seria uma

³⁰³ François Cheng (1975). *Le Langage Poétique Chinois*. In Campos, 1977, p.51 e 52.

³⁰⁴ Girolamo Mancuso (1974), in Campos, 1977, p.57.

³⁰⁵ Campos, 1977, p.58.

coincidência muito grande, a não ser que aceitássemos que esse fato tenha uma relação com o significado aludido com a pronúncia de *sǐ*. Uma palavra antiga para “morrer,” “morte” e “destruição” é *wáng*, 亡, e suas variantes gráficas 𠄎 e 𠄏. O único homófono perfeito para ela é *wáng*, 王, que significa “rei,” “monarca,” “o maior deles” e também é um sobrenome muito comum. Ousando desenvolver uma análise uma tanto fenollosiana, me parece que 死 aponta para o aspecto passivo da morte, aquela inesperada e quiçá injusta, 亡 é a morte como ativa, gloriosa, justificada na figura do imperador 王, que tem o direito total sobre a vida de todos os seus súditos.

Também podemos pensar a relação entre escrita e língua falada no âmbito da análise discursiva. No Capítulo I deste trabalho já foram destacadas alguns aspectos mais gerais das diferenças existentes entre os discursos escritos e falados. Aqui cabe uma introdução a estas diferenças no âmbito específico da escrita chinesa.

Não é preciso voltar ao assunto da enorme diferença entre o chinês clássico escrito (*wényán*) e a língua vernácula. Apesar de falarmos sempre da mesma língua (chinês mandarim), é comum a “tradução” de textos escritos em chinês clássico para o chinês moderno. Li & Thompson (1982, p.78-82) mostram um exemplo de um texto taoísta clássico em 17 linhas, com apenas 5 termos gramaticais e sem marcadores de tempo ou aspecto, artigos, demonstrativos, marcadores de genitivo, conjunções, etc. O texto traduzido para o chinês moderno contém 28 termos gramaticais, além de todos estes marcadores, co-verbos, conjunções, etc.

Li & Thompson entendem que, especialmente no caso do chinês clássico, a escrita podia ser tão telegráfica e sucinta graças à sua natureza morfêmica. Ou melhor, que a fala contemporânea não poderia ser tão sucinta porque isso acarretaria uma profusão de ambiguidades. Nota-se que esta não é uma análise diacrônica oposta à posição defendida por DeFrancis e Kennedy (relembrando o argumento contra o “mito do polissilabismo forçado”: a fala chinesa foi tornando-se multissilábica para evitar a ambiguidade advinda da maior pobreza fonológica). O que Li & Thompson estão dizendo é que o *sistema* da escrita chinesa tinha

condições de assumir uma brevidade e concisão devido às suas características particulares, ao passo que o *sistema* da fala chinesa contemporânea não poderia, devido às suas próprias restrições. Portanto estamos falando de dois sistemas semióticos relacionados, é claro, mas independentes e com capacidades e limitações também diferenciadas.³⁰⁶ A substituição da escrita chinesa atual por outra de base fonética (como o *pīnyīn*) certamente provocaria limitações nas alternativas de expressividade que a escrita chinesa tem hoje (o que não significa dizer que se inviabilizaria uma escrita chinesa baseada no *pīnyīn*).

No chinês contemporâneo, objeto de tantas influências externas, o largo fosso que separou a escrita da fala na época clássica parece ter se estreitado sobremaneira. Entretanto não seria correto ainda falarmos de uma consonância perfeita dos dois sistemas, não só um pouco pelo que já foi discutido nos capítulos I e II deste trabalho, mas também ainda pelas particularidades da língua. Já vimos como diversos textos em chinês, assim “como certas obras literárias, utilizam-se extensivamente da linguagem clássica” (Li & Thompson, 1982, p. 84), a despeito dos esforços, principalmente do governo da China continental, em aproximar as duas formas de expressão. Assim, mesmo hoje em dia podemos identificar um estilo de escrita que mantém-se influenciado pelo caráter semântico (seja ele chamado de logográfico ou morfêmico) do seu sistema de escrita.

Nesse trabalho foram mostrados diversos pontos de vista sobre a polêmica do polissilabismo em chinês. Deixando aqui um pouco de lado a questão discutível da desambiguação da fala, o polissilabismo é também o reflexo da grande liberdade que a língua dá aos seus usuários de combinar morfemas na criação de compostos. Os processos de composição não só são variados, mas parece também que novos compostos são aceitos de forma um tanto liberal: “um usuário do chinês é relativamente livre para agrupar morfemas em diferentes combinações” (Sampson, 1985, p.147). O mesmo autor se pergunta se parte desta liberdade não seria também advinda do sistema (por ele chamado de) logográfico da escrita chinesa e da ausência de espaços entre os caracteres, comparando com o sistema em inglês, por exemplo (também válido para o português ou outra escrita cenêmica):

³⁰⁶ Li & Thompson acabam por discordar da hipótese DeFrancis e Kennedy e mais adiante em seu texto subscrevem a tese do “polissilabismo forçado.” (veja-se Li & Thompson, 1982, pg.87-88)

no inglês escrito a unidade visual é a palavra, assim palavras são o que aprendemos a considerar como os blocos elementares [para construir sentenças], cuja estrutura interna tendemos em geral a aceitar como um dado, ao passo que no chinês a unidade visual é o morfema (...) [A]ssim um chinês vê os morfemas como unidades supridas pelo sistema da língua, e pensa na combinação de morfemas como fazendo parte do domínio do uso individual da língua.³⁰⁷

Mesmo que reconheçamos que a língua já “fixou” em grande parte compostos multissilábicos incorporados ao léxico como unidades completas e convencionais, a liberdade do usuário chinês, escreve Sampson, é maior em comparação ao que usufruem falantes das línguas ocidentais mais fonéticas. Esta influência da escrita na forma como o usuário chinês monta o seu discurso e seu próprio léxico está muito além de um mero papel representativo para a escrita.

Finalmente, seguindo a linha que outorga um papel não secundarizante e representativo à escrita chinesa, proponho que analisemos na próxima seção a pouco estudada e controversa relação da escrita chinesa com a sua metalinguagem, com a ideia de literalidade e iconicidade em chinês e com a própria forma de se fazer linguística na China.

4.3. Pensando a Iconicidade e o Léxico Chinês

A relação entre a semântica e a fonética no âmago dos grafemas chineses já foi explorada em maiores detalhes nas seções anteriores. Por outro lado, não é o objetivo chegar aqui à “essência” da escrita chinesa, não mais do que procurar a “essência” da língua chinesa ou a “essência” da linguagem. Procuo fazer uma exposição dos falares sobre esta escrita, na tentativa de vislumbrar mecanismos em que ela possa operar. Especificamente nessa seção, olharemos a maneira como esses falares consideram ou não os grafemas chineses *icônicos*, e de que forma sua natureza estaria ligada à sua peculiar característica de longevidade (diria até de um almejo pela eternidade).

³⁰⁷ Sampson, 1985, p.147.

Acima vimos como a escrita chinesa, historicamente, passou por períodos em que foi “perdendo” seu caráter abertamente representativo, no sentido (picto)gráfico, de objetos no mundo, para um sistema muito mais complexo e multifacetado. Podemos postular que a escrita chinesa atualmente tem aspectos que levam a sua interpretação com uma base icônica/simbólica e também que carrega indicadores de pronúncia (mais ou menos eficientes). Estudamos aqui como estes dois lados se articulam e se complementam, ao mesmo tempo em que podemos usar esta visão descritiva da escrita para questionar se há mesmo uma fronteira clara entre essas duas características.

Vimos na seção 2.2 que na tipologia de Haas (1976) o termo *pictograma* foi evitado, uma vez que para o autor, quando o grafema perde sua motivação imitativa original, seu caráter pictorial deixa de ter relevância, embora ainda se trate de uma relação motivada entre o grafema e seu *designatum*. Em contraste, Campos (1977) se agarra com fervor ao termo *pictográfico*, cujo caráter se apresenta através da iconicidade presente nos caracteres chineses:

(...) sem embargo do grau concorrente de estilização ou de convencionalização (...) o fator *iconicidade* parece estar presente sempre, na escrita chinesa, em gradações diversas (...) Desde logo o *pictograma* é decididamente um ícone: é uma pintura que, em virtude de suas próprias características, se relaciona, de algum modo, por similaridade, com o real, embora esta “qualidade representativa” possa não decorrer da imitação servil, mas de diferenciada configuração de relações, segundo um critério seletivo e criativo (...) ³⁰⁸

Esse “critério seletivo e criativo” a que se refere Campos parece ser exatamente a convencionalidade que atravessa a estilização da relação icônica construída na língua chinesa entre os caracteres e os objetos do mundo.

O autor retoma no seu texto mais adiante este assunto, deixando bem explícito o que ele considera como iconicidade gráfica na escrita chinesa:

Aqui, cabe ponderar, mais uma vez, que o problema, antes do que *gráfico*, é *icônico*, não no sentido usual da iconologia como representação imitativa, mas no de *iconicidade semiótica*, que comporta graus de convencionalidade (códigos de “estilização”) e que se deixa atualizar não em estado “puro,” como frisa Peirce, mas através de mediações “atenuadas” (“degradadas”), os “hipoícones.” ³⁰⁹

³⁰⁸ Campos, 1977, p.40.

³⁰⁹ Ibid., p.58.

Caberia então agora citar a tipologia de Peirce no seu estudo sobre a semiótica como um guia para analisar os caracteres chineses. Nas palavras desse autor:

Todo signo é determinado por seu objeto, seja: primeiro por compartilhar características com o objeto, quando eu chamo o signo de *Ícone*; segundo por ser realmente e em sua existência individual conectado com o objeto individual, quando eu chamo o signo de *Índice*; terceiro, através de uma certeza mais ou menos aproximada que ele será interpretado como denotando o objeto, em consequência de um hábito (cujo termo eu aqui uso como incluindo uma disposição natural), quando eu chamo o signo de *Símbolo*.³¹⁰

Há argumentos para que identifiquemos (alguns) caracteres chineses ora como simbólicos, ora como icônicos. E, se pensarmos na vitalidade e independência dos caracteres chineses, por que não falar também de uma relação indicial?

Não me parece importante aqui voltar à discussão sobre as categorias de caracteres que são mais icônicos e outros que são mais estilizados ou convencionais, ou mesmo “quase-fonéticos.” Aqui chamo a atenção para que se observe como na base da notação chinesa opera a motivação semântica dos seus caracteres, que podemos chamar de icônica, talvez via processos de formação de “hipoícone com traços indiciais” (Campos, 1977, p.41), de “associação sugestiva” (Ibid., p.41), enfim, tudo o que Campos chamou do “método ideográfico de compor” (Ibid., p.41).

Em linhas gerais, poderíamos dizer que a relação entre símbolos e os objetos por eles designados é uma relação menos motivada do que a relação que envolve ícones. Um ícone possui algum tipo de semelhança com seu objeto, seja ele um objeto real ou não, como diz Peirce. A semelhança pode ser extrema, como a projeção da imagem de um objeto sobre uma superfície bidimensional, no caso de uma fotografia, ou mais sutil, e até mesmo ser motivada por convenção. Peirce explicitamente cita o caso de uma fórmula algébrica, considerada por ele como um ícone (e não um símbolo):

[uma fórmula poderia] ser considerada como um signo convencional composto. Mas isso não é assim. Porque uma importante propriedade que distingue o ícone é que através da sua observação direta *outras verdades concernentes ao seu objeto podem ser descobertas* além daquelas que são suficientes para determinar a sua construção.³¹¹

³¹⁰ Peirce (1931-58), volume 4, parágrafo 521. In Sebeok (1978).

³¹¹ Peirce (1931-58), volume 1, parágrafo 179. In Sebeok (1978), minha ênfase.

Neste sentido, sobre o ícone pode-se dizer que ele partilha a vida do objeto e que inferências sobre o ícone tornam-se inferências sobre o objeto, enquanto ele for icônico.³¹² Outra observação importante, um signo não precisa ser exclusivamente simbólico, indicial ou icônico, mas mesclar estas três características.

Se aceitarmos a escrita chinesa como tendo um caráter preponderantemente semântico, ou melhor, como um sistema que se utiliza de artifícios gráficos como motivação semântica (seus grafemas sendo assim “semanticamente informados”), seria esperado um conjunto extenso e minimamente organizado de símbolos de base semântica em uso na escrita chinesa. Já vimos no capítulo 3 sobre a descrição da escrita chinesa que este tipo de regularidade não é encontrado.

A despeito de suas limitações enquanto um sistema coerente e organizado de alusões semânticas, vimos na discussão sobre a escrita chinesa tomada de um ponto de vista de sua função poética, que mesmo aqueles caracteres que “funcionam” como indicadores fonéticos podem ser interpretados de uma forma icônico-simbólica, ou seja, pela via semântica. Parece que é neste sentido que podemos chamar os grafemas chineses (e mesmo suas partes decomponíveis providas de significado, no caso dos caracteres complexos) de semanticamente informados, o mesmo acontecendo para aqueles considerados indicadores semânticos puros. Um exemplo ajuda a elucidar este argumento: 古, *gǔ* é indicador fonético em 苦, *kǔ*, “amargo” e em 姑, *gū*, “garota,” entre outros, mas sozinho o caractere indica “antigo” e pode ser analisado etimologicamente como o significante 十, *shí*, “dez”, “perfeito”, “completo” sobre a “boca” (口), trazendo portanto uma alusão do que é antigo e clássico foi “falado de forma perfeita, completa.”

Há portanto um claro uso simbólico dos caracteres chineses. Embora DeFrancis seja um ardoroso defensor do foneticismo, ele mesmo dá um exemplo ilustrativo que pode ser usado como argumento contra suas próprias convicções:

Às vezes o uso de um radical ou outro tem um significado especial, como no caso da remoção do insulto étnico no nome da minoria Zhuang no sudoeste da China,

³¹² É claro que o ícone não é o mapeamento completo do objeto sob a forma de um signo. Seu compartilhamento mútuo vai até onde se mantém a relação icônica entre signo e *designatum*.

que era escrito com radical de cachorro (獾), mas depois de 1949 foi primeiro escrito com um radical de pessoa (僮) e posteriormente foi modificado para um caractere completamente diferente com o significado respeitável de robusto/vigoroso (壮).³¹³

É impossível não perceber que parte do uso e da riqueza da notação chinesa está em se utilizar com criatividade (embora preconceituosa, neste caso) do seu caráter semântico. É claro que o radical de animal (*quǎn*, 犭 na forma de radical, 犬 na forma livre) sofreu um longo processo de simplificação e estilização ao longo do tempo. Nos termos de Peirce, podemos talvez dizer que ele foi perdendo seu caráter icônico, graficamente motivado, tornando-se mais e mais simbólico. E é como um símbolo carregado de conotações negativas que ele foi uma vez utilizado no caractere que durante muitos anos designou de maneira derogatória a minoria Zhuang, como 獯.

Mas como podemos entender a iconografia inicial dos caracteres? Teria sido uma simples tentativa de verossimilhança visual? A tradição chinesa é rica em mitos sobre o nascimento da sua escrita:

A invenção da escrita chinesa é tradicionalmente outorgada à figura mitológica de Cang Jie, 仓颉 / 倉頡, um oficial que trabalhou no reino do imperador amarelo há 5000 anos. Quando ele inventou a escrita, diz-se, fantasmas e demônios urraram durante a noite.³¹⁴

Os sábios desenharam quase-fotografias de objetos que indicaram os primeiros ancestrais dos caracteres atuais. A verossimilhança explica a forma dos caracteres, mas não o seu poder referencial. A natureza pictográfica era um auxílio ao estudo, sua associação semântica era fácil de se lembrar (...) Entretanto, o elemento crucial ligando desenho para a coisa-tipo foi a *intenção* daqueles reis sábios, não o isomorfismo pictórico. (...) Filósofos confucionistas chamaram esta conformidade com a intenção dos sábios no uso dos nomes de “a retificação dos nomes.”³¹⁵

Vemos nas tradições sobre a origem dos caracteres que a motivação iconográfica (ou natureza pictográfica dos caracteres) parece revestir-se de uma importância secundária frente à intenção dos “sábios criadores.” O caráter prescricionista que permeia a tradição cultural chinesa aparece de forma

³¹³ DeFrancis, 1984, p.117.

³¹⁴ Kane, 2006, p.31.

³¹⁵ Hansen, 1993, p.393.

proeminente. Enquanto o uso dos caracteres mantiver-se em conformidade com a intenção original dos reis-sábios, está garantido seu poder de linguagem, independente das modificações gráficas ou estilísticas ocorridas ao longo dos séculos. Portanto me parece que estaríamos diante muito mais de uma motivação simbólica do que iconográfica.

Para este trabalho interessa também destacar como estas tradições envolvem a escrita, e não o som. “A ligação histórica com as intenções dos reis-sábios é mediada pela literatura escrita e transmitida, não pelo som” (Hansen, 1993, p. 393). Veremos na seção IV.5 sobre o Pensamento Chinês, como os caracteres e a escrita chinesa são revestidos de um poder criador que não condiz com a tese usual da escrita como simples suporte à fala.

4.4. A Metalinguagem e a Língua Chinesa

A proposta deste capítulo é trabalhar com estes três significantes que se interrelacionam de forma tão íntima: a metáfora, a metalinguagem e a linguística. Espero mostrar através deste trabalho como a escrita chinesa pode em alguma medida influenciar a maneira como o chinês pensa sua própria língua e a linguagem como um todo.

4.4.1. A escrita chinesa e a linguística chinesa

Como foi discutido introdutoriamente no capítulo I, alguns autores delegam expressamente ao sistema de escrita e à escrita em geral nossa capacidade de usar e desenvolver uma metalinguagem e conseqüentemente, uma linguística. Reconhecendo que este é um assunto complexo o qual não poderia ser abordado

aqui em toda a sua grandeza, é importante destacar que alguns pensadores sobre a linguagem chinesa também se debruçaram sobre esta questão.

Como parte do extenso programa de estudos sobre a história do pensamento linguístico em todo o mundo organizado por Sylvain Auroux, escreve Giorgio Casacchia sobre a linguística chinesa: “A exceção da lexicologia e da dialetologia, disciplinas eminentemente autóctones (*indigènes*), o aparecimento [na China] dos outros setores dos estudos da linguagem veio do estrangeiro” (Casacchia, *in* Auroux, 1995, p. 431). Vejamos portanto de que forma a escrita chinesa poderia contribuir para trazer o foco para a análise lexical em detrimento da análise fonológica.

Um dos estudos pioneiros no ocidente sobre a linguagem chinesa foi escrito pelo professor de Cambridge Paul Kratochvíl,³¹⁶ já citado anteriormente neste trabalho. Embora o autor abrace uma visão representacionista da escrita (e da linguagem como um todo), por outro lado ele transmite uma perspectiva bastante moderna ao falar da influência da escrita sobre a linguagem como um todo e sobre nossa forma de fazer linguística. Em sua discussão sobre a fonologia chinesa, ele deixa claro que a escrita chinesa, construída na relação caractere/morfema (ao invés de letra/fonema) afetou (e afeta) a capacidade dos chineses de pensar a fonologia.

A escrita não é irrelevante para a linguagem em geral como os linguistas muitas vezes acreditam, e ela é, de fato, um elemento muito importante no processo formativo do tipo especial de linguagem padrão como é o mandarim (...) [que] se desenvolveu numa íntima relação com o novo estilo de escrita.³¹⁷

Mas não é somente no desenvolvimento do mandarim como um padrão “artificial” para os chineses que a sua escrita foi importante. O autor aponta outras conexões mais fundamentais entre escrita e nosso modo de ver a linguagem:

[falamos de uma] minoria educada, cuja percepção da linguagem e comportamento não é somente influenciada pelas características gerais do sistema de escrita, mas também, de uma forma muito sutil, por seus meios técnicos, ou seja, a escrita em questão. (...) [S]erá importante lembrar-nos quão profundamente nossas próprias noções e sentimentos sobre a estrutura de nossa língua são condicionadas pelo sistema de escrita que utilizamos.³¹⁸

³¹⁶ Kratochvíl (1968).

³¹⁷ Kratochvíl, 1968, p.147.

³¹⁸ *Ibid.*, p.147.

Segundo Kratochvíl, como usuários de uma escrita basicamente fonética (em oposição à escrita morfêmica ou morfofonêmica chinesa), temos maior facilidade de aceitar e reconhecer noções como fonemas e palavras, que têm expressão direta e mais ou menos sistemática na escrita, do que morfemas ou padrões de entonação, que não o têm. Para os chineses, o que ocorre é o oposto. Escreve Marcel Cohen em seu texto clássico:

o emprego deste sistema [de escrita] complexo dispensa os chineses de uma análise fonética exata, e isto de três maneiras:

- não se decompõem as sílabas em consoantes e vogais;
- empregam-se os mesmo indicadores fonéticos para sílabas com sons próximos entre si, mas não tendo consoantes idênticas ou vogais de timbre idêntico (...);
- não se consideram como foneticamente distintas as palavras tendo o mesmo timbre vocálico com tons diferentes (...)³¹⁹

Um artigo escrito em 1986 sobre a relação entre o reconhecimento dos segmentos fonéticos e a tipologia da escrita utilizada também defende essa íntima relação e a influência da escrita sobre a análise linguística que cada falante fará sobre sua língua:

Adultos chineses alfabetizados apenas com os caracteres chineses não podem adicionar ou apagar consoantes individuais nas palavras faladas em chinês (...) Aprender a ler e escrever alfabeticamente requer a concepção da fala como uma sequência de fonemas (...) e vemos uma grande diferença na habilidade de segmentação de acordo com [o tipo] de alfabetização (*alphabetic literacy*).³²⁰

Veremos mais adiante, por exemplo, que diversos autores identificam uma tendência à tradução das palavras estrangeiras que entram na língua chinesa em detrimento da transliteração fonética. Se aceitarmos o raciocínio desses autores, estaremos diante de uma situação em que o próprio sistema de escrita se retroalimenta ao afetar sua capacidade de desenvolvimento lexical. Este sem dúvida é um poder muito maior do que o de ser uma simples representação da fala.

Mais ainda, podemos estender o raciocínio e tomar a hipótese de que mesmo noções gramaticais e o próprio conceito de linguagem sofreriam a influência do sistema de escrita e vice versa, em uma relação íntima e mútua:

A forma através da qual um sistema de escrita morfêmico pode exercer influência no comportamento linguístico dos falantes alfabetizados de sua língua é sugerida

³¹⁹ Cohen, 1958, p.59.

³²⁰ Read et al, 1986, abstract & p.42-3.

pelas características típicas de tal escrita. Aprender a usar um sistema de escrita significa, de certa forma, aceitar um tipo de análise [oferecida] pela língua que se fala (...) Por um lado, falantes educados de qualquer língua tendem a pensar em sua própria língua em termos do sistema de escrita que usam (...) Por outro (...) tendem a considerar o tipo de análise que sua escrita representa como válido de forma geral para todas as línguas.

É possível sugerir que o processo de formalização gramatical no caso de muitas unidades que se aproximam do status de afixos e marcadores nunca tenha atingido um passo final devido à percepção do valor morfêmico original das unidades respectivas, [o que] é continuamente apoiado pelo uso da escrita.³²¹

O autor David Olson parece se alinhar totalmente com esta perspectiva, em uma das teses fundamentais do seu livro *The World on Paper: the conceptual and cognitive implications of writing and reading*, já estudado no capítulo I deste trabalho e apenas citado mais uma vez aqui:

A escrita oferece o modelo para a produção da fala (na leitura) e para a consciência introspectiva da fala enquanto composta de constituintes gramaticais, nomeadamente, palavras.³²²

Um exemplo simples para o chinês seria o *yǒu* (有), que isoladamente teria as acepções mais comuns de “ter” e “haver” e normalmente não seria considerada um afixo. Todavia em seu uso ele claramente parece poder operar como um prefixo adjetivante. Por exemplo: *yǒuyìsi* (有意思) literalmente seria traduzido como “ter (ou tendo) interesse (意思, *yìsi*)”, e os dicionários até incluem uma entrada para a expressão trissilábica com as traduções de “interessante,” “legal,” ou “divertido.” Entretanto se em chinês quer se dizer que uma “coisa” (事情, *shìqing*, em chinês) é interessante, a expressão não é *yìsi de shìqing* (意思的事情), literalmente “interesse *DE*³²³ coisa” mas sim *yǒuyìsi de shìqing* (有意思的事情). A presença do *yǒu* junto ao substantivo *yìsi* parece que o adjetiva por prefixação. E entretanto o *yǒu* não é visto como afixo e os dicionários incluem *yǒuyìsi* (bem como outras expressões compostas com *yǒu*) como uma entrada lexical única.

³²¹ Kratochvíl, 1968, p.160 e 161.

³²² Olson, 1994, p.77.

³²³ Em chinês a partícula que indica possessivo é o *de* (的), que se interpõe entre o possuidor e o item possuído.

A intensa troca entre a língua chinesa e as línguas estrangeiras a partir do século XIX, reforçada nas últimas décadas, poderia estar também afetando a maneira como os chineses veem seus caracteres e introduzindo conceitos linguísticos antes estranhos à língua. No capítulo III sobre a introdução à língua chinesa já falamos sobre a boa produtividade da composição nesta língua. Entretanto é um fenômeno muito moderno e fortemente influenciados pelas línguas estrangeiras (cenêmicas) a proliferação de alguns tipos de afixos (em particular, sufixos):

Desde a década de 1910 apareceu no chinês escrito contemporâneo um grupo de morfemas que têm funções semelhantes àquelas de prefixos e sufixos de línguas européias, por exemplo, em inglês *non-*, *-ness*, *-tion*, *-cal* e *-ize*. Imitando o uso destes afixos europeus, os morfemas do chinês escrito contemporâneo são afixados a outras palavras, modificando seu sentido e sua categoria gramatical.³²⁴

Há também uma linha de estudos que, ao mesmo tempo em que outorga à escrita um papel central no desenvolvimento cultural, mental e cognitivo humano, acaba escolhendo a escrita do tipo alfabética como o instrumento mais desenvolvido e adequado para alimentar tal potencial em detrimento de uma alternativa como a da escrita chinesa. A esta linha, de tendência claramente etnocêntrica, pertence a chamada Escola Canadense da teoria da comunicação, representada por pensadores como Harold Innis (1986), Marshall McLuhan (1964, 1968), Walter Ong (1982) e outros.

Não cabe neste trabalho um estudo aprofundado destas teorias, mas apenas sua apresentação e dos (enormes) potenciais que ela outorga a escrita:

A teoria da capacidade de ler e escrever através da escrita alfabética (*alphabetic literacy theory*) atribuí ao desenvolvimento no Ocidente do pensamento abstrato, lógica dedutiva, ciência, matemáticas, democracia, lei codificada, capitalismo e monoteísmo à introdução do alfabeto na Grécia antiga.³²⁵

Os partidários desta linha de pensamento contrastam a “superioridade” da civilização ocidental frente ao atraso da China em termos de “incapacidade relativa para abstração, lógica, racionalidade, análise e classificação” (Grosswiler, 2004, Introdução).³²⁶ Em um dos seus estudos, McLuhan comparou as escritas

³²⁴ Ping, 1999, p.96.

³²⁵ Grosswiler, 2004, Introdução.

³²⁶ Essa visão de que a escrita chinesa limitaria o potencial de abstração e desenvolvimento técnico na China, apesar de polêmica, em geral é considerada ultrapassada. Veja-se por exemplo a

alfabética e ideogramática, apontando uma “qualidade multissensorial e oral à primeira, enquanto o alfabeto separa visão do som para tornar-se visualmente abstrato” (Marshall McLuhan. *War and peace in the global village*, 1968. in Grosswiler, 2004).

Tal análise repete-se monotonamente ao longo dos trabalhos citados destes escritores e parece adotar uma visão um tanto ingênua do que é *pictografia* na escrita chinesa, porém agora para inverter exatamente o que Fenollosa louva como as maiores qualidades daquela escrita: “porque a escrita chinesa basicamente compõe-se de figuras (...) o chinês, psicológica e culturalmente permanecem dentro do modo oral de consciência” (Walter Ong. *Orality and literacy: the technologizing of the world*, 1982. in Grosswiler 2004). É exatamente a concretude dos caracteres chinesas que, segundo estes autores, liquida ou limita severamente a capacidade de abstração dos chineses.

Vimos brevemente no capítulo I como as pesquisas de Schmandt-Besserat apontaram para a possibilidade da origem não pictográfica dos sistemas de escrita e desta forma provocaram um grande dano às teorias “alfabético-evolutivas,” cuja pedra fundamental é a crença de que as escritas não-alfabéticas são consideradas aquelas que (ainda) não atingiram o ápice de sua evolução (de uma escrita pictográfica até a alfabética). Com a queda do etnocentrismo e da teoria evolutiva da escrita, essas conclusões sobre a limitação cognitiva causada pela escrita chinesa ficaram extremamente prejudicadas. A relação entre escrita e capacidade cognitiva porém ainda é um tema muito controverso.

4.4.2. Transliteração da Escrita Chinesa

Após os conturbados anos na China entre a 2^a metade do século XIX e a primeira do século XX, movimentos de reforma para fonetização da escrita

conclusão de que “a escrita chinesa não foi um inibidor significativo ou fator de desenvolvimento na ciência moderna na China (...)” (J.Needham (1954-9, 1969) in Olson, 1994, p.68).

chinesa como substituição ao sistema existente basicamente teriam morrido,³²⁷ mas não há como se negar a importância da transcrição *pīnyīn* como um sistema de suporte. Somente o chinês tem um sistema de transcrição cujo uso é extenso e universalizado na China continental.³²⁸

- O *pīnyīn* é fundamental no aprendizado do chinês como L-2, ao ponto que alguns métodos recomendam que os estudantes, inicialmente, nem aprendam a escrita. O *pīnyīn* também é largamente usado na China para auxiliar os estrangeiros a se localizarem (similarmente ao que acontece com as placas rodoviárias e nomes de ruas na Grécia, em grego e em caracteres latinos e em muitos outros países em toda a Ásia);
- antes mesmo do contato escolar dos alunos com os caracteres chineses e é assimilado em poucos meses: “Desde seu aparecimento o *pīnyīn* é ensinado em todas as escolas da China” (Allenton, 2008, p. 109). Nas leituras iniciais das crianças chinesas o *pīnyīn* é usado subscrito aos caracteres e retirado após algum tempo;
- o *pīnyīn* é muito importante para uma indexação mais simples dos caracteres nos dicionários, porém apenas para o benefício de estrangeiros;
- o *pīnyīn* é aquele que parece oferecer o modo mais eficiente de uso como modo de *input* em processadores de texto e computadores: “A maioria dos usuários de computador empregam [o *pīnyīn*] para este fim [de entrada de informações]” (Allenton, 2008, p.111);
- julga-se que o emprego generalizado do *pīnyīn* “contribui para a normatização da pronúncia da leitura através da China” (Ibid., p.111), apesar de que os adultos chineses jamais escrevem com esta notação. Por exemplo, na subtítuloção de filmes em benefício dos falantes das variantes regionais é sempre usada a escrita em *hànzì* e jamais o *pīnyīn*.

Alguns estudos avaliam as diferenças cognitivas dos chineses que tiveram o aprendizado do *pīnyīn* em sua educação daqueles que não o tiveram.³²⁹ De qualquer forma, o impacto do seu uso no âmbito da escrita e da língua chinesa oferece-se a um fértil campo de estudos.

A importância do *pīnyīn* e as experiências com outros métodos de transliteração da língua chinesa mostram que ele é possível como um sistema de escrita, a despeito de críticas a respeito de sua inviabilidade. DeFrancis (1984), sempre defensor da fonética na escrita chinesa, chama esta crença da não

³²⁷ Veja-se um tratamento mais detalhado em Ping, 1999, p.166 et. seq.

³²⁸ Além do *pīnyīn*, como já vimos, outros sistemas de transcrição alfabética foram propostos principalmente ao longo da 1ª metade do século XX na China. Para uma extensa discussão sobre o assunto, veja-se Ping, 1999, capítulo X, “*Phonetization of Chinese*.”

³²⁹ Allenton, 2008, p.110 se refere à introdução dos programas de aprendizado de *pinyin* na China que eram chamados de 注音识字提前读写, *zhuyin shizi tiqian duxie*, literalmente “conhecer os caracteres por sua pronúncia e antecipar sua leitura e escrita.”

substituibilidade dos caracteres atuais por uma escrita de base fonêmica de “mito da indispensabilidade.”

Entretanto, se por um lado os fatos indicam que seria possível substituir a notação chinesa, este trabalho alinha-se aos vários autores que mostram o quanto isso iria privar a língua chinesa de uma grande parte de seu poder criativo e expressivo, mais ainda, acabaria com a língua chinesa tal como nós a conhecemos hoje. Ping (1999) exemplifica uma das consequências desta mudança:

se os caracteres chineses fossem abolidos (...) seria extremamente difícil, senão impossível, recorrer às características do chinês clássico de forma tão livre e extensa como é presentemente atestado no chinês escrito moderno.³³⁰

Vimos também como há uma ligação estética e, poder-se-ia dizer, quase afetiva da população chinesa com os caracteres chineses, reflexo de sua cultura e identidade enquanto nação. Todavia, qualquer esquema de transliteração que procurasse usar os mesmos caracteres de forma unicamente fonética, se chocaria com o arraigado hábito de “ler nos caracteres” (Ping, 1999, p.171). Esse hábito aparece patente na tendência à tradução das palavras estrangeiras que entram na língua chinesa. Tais palavras muitas vezes são inicialmente transliteradas, mas com o passar tempo há uma clara preferência pela substituição por caracteres que tenham uma alusão morfêmica aproximada ao termo estrangeiro. Como escreve Viviane Allenton:

A tendência atual parece ser de reduzir o número de palavras transcritas em prol das palavras traduzidas.³³¹

(...) prefere-se a tradução [ao invés da transliteração]. A razão desta escolha é a notável aptidão do chinês de compor os grupos de termos aparentados, cuja estrutura é visível. (...) [É] raro um caractere chinês que seja definitivamente vazio semanticamente (...) de onde a tendência a escolher caracteres que transmitam alguma coisa do sentido original, combinado com a sonoridade.³³²

Ping tem a mesma opinião sobre o assunto:

[em relação às alternativas para importação de termos estrangeiros] dois princípios operam [no chinês] (...) Em primeiro lugar, é dada preferência para tradução literal e tradução semântica sobre a transliteração fonética (...) Em segundo lugar, é dada preferência para o nome que prevalece no dialeto norte do mandarim [o mandarim padrão] sobre outras áreas.³³³

³³⁰ Ping, 1999, p.85.

³³¹ Allenton, 2008, p.125.

³³² Ibid., p.123.

³³³ Ping, 1999, p.105.

Enquanto a posição de Ping é compatível com sua visão logográfica da escrita chinesa, a análise de Allenton parece contrariar sua própria posição foneticista em relação ao chinês e a autora acaba por não explorar muito mais estes caminhos. Já para Kratochvíl isso se dá pelo maior conforto do chinês em lidar mais com as alusões morfológicas do que fonéticas, resultante da própria escrita chinesa:

(...) a forma como aos empréstimos estrangeiros são atribuídos valores quase-morfêmicos antes de serem aceitos (...) não é apenas uma expressão de orgulho nacional, mas também a reflexão do desconforto com elementos que carecem de uma clareza imediata em suas características morfológicas que a língua “correta” deveria expressar.³³⁴

Outros autores, como M.A. French também apoiam esta perspectiva: “É claro que para os chineses alfabetizados a natureza do sistema de escrita contribui significativamente para a tendência de ler ‘significado em cada sílaba’.” (French, 1971, *in* Haas Ed., 1976, p. 114)

Há portanto o que se delinea nestes discursos como uma clara tendência à opção pela tradução semântica em prejuízo da transliteração fonética.

4.4.3. Metalinguagem na Escrita Chinesa

Este trabalho não objetiva qualquer tratamento mais detalhado acerca da natureza das metalinguagens ou das operações metafóricas, um assunto complexo que por si só encheria muitos e muitos livros.

Mais ainda, o autor não se advoga com conhecimento e familiaridade suficiente da língua e da escrita chinesa para conhecer os detalhes e sutilezas de suas alusões metafóricas e uso de sua metalinguagem.

Entretanto é possível pensar em explorar um pouco o léxico chinês para procurar suas expressões metalinguísticas e mesmo identificar alguns processos metafóricos no chinês. Na primeira seção, apresento alguns termos do vocabulário

³³⁴ Kratochvíl, 1968, p.161.

chinês para estudar a linguagem e na segunda, terminologia relacionada à semântica, significado e metáfora.

As palavras serão apresentadas em sua grafia simplificada, seguida da grafia tradicional. Alguns termos serão então “dissecados” em possíveis alusões etimológicas e estudados em acepções do chinês antigo.³³⁵

Vocabulário Chinês para linguagem:

Em primeiro lugar, palavras para língua/linguagem:

- 语 (語) - *yǔ*, “dialetto,” “linguagem,” “fala” (*speech*).
 - 語 é a “palavra” (言 → 言, *yán*) que “eu” (吾, *wú*³³⁶) falo.
- 语言 (語言) - *yǔyán*, “linguagem” (falada), “língua.”
 - 言 seria um caractere que combina um grafema antigo para “crime” (*qiān*) sobre “boca” (*kǒu*, 口). Esta etimologia sugerida em Harbaugh (1998) não aparece em nenhuma das outras fontes de consulta.
- 口语 (口語) - *kǒuyǔ*, “língua coloquial,” “vernacular,” “gíria” (lit. “língua da boca”).
- 语言类 (語言類) - *yǔyánlèi*, “palavra falada” (lit. “classe/categoria de linguagem”).
- 语言学 (語言學) - *yǔyánxué*, “linguística” (lit. “estudo da linguagem (falada)”).

Vemos logo que não há uma distinção clara entre uma língua específica e a linguagem em geral, o termo *yǔyán* abarca as duas acepções (como “*language*” em inglês).

E desde já parece que a língua é majoritariamente entendida como “língua falada,” já que a presença do *yán* (que também funciona como radical ligado à fala), está presente nos termos mais usados referentes à linguagem. É o próprio radical de *yán* que está presente no outro termo, *yǔ*.

Ao lado de *yǔ* e *yán* a língua chinesa emprega dois outros termos que podem ser entendidos também como linguagem/língua:

³³⁵ Fontes de referência utilizadas: Schuessler (2007) para chinês antigo; Harbaugh (1998) para estudos etimológicos; DeFrancis (2003) e www.yellowbridge.com (acesso Set/2010) como dicionários do chinês contemporâneo.

³³⁶ 吾 é um termo antigo para “eu” que no mandarim atual é muito pouco usado fora de expressões idiomáticas.

- 话 (話), *huà* – “dialecto,” “linguagem,” “palavra falada,” “conversa.” O termo é hoje mais próximo da fala e da conversa do que *yǔ*, embora no chinês antigo os dois caracteres pudessem ser usados para denotar “fala,” “falar,” ou “conversar.” 話 pode ser visto como “palavras” (言) no movimento de “saída da boca” (舌, *shé*, lembraria um “objeto” qualquer, 千, *qiān*, saindo da “boca,” 口, *kǒu*). Esta etimologia apontaria para um aspecto mais “físico” do processo de produção das palavras do que *yǔ*. No típico bissilabismo do mandarim atual, *huà yǔ*, 话语 (話語), indica (também) “fala,” “discurso,” “palavras,” e “locução.”
- 文, *wén* – normalmente é traduzido como “cultura,” mas também carrega a acepção de “escrita” e “linguagem,” como por exemplo, no uso sufixal dos nomes de línguas nacionais, por exemplo, 葡文, *púwén*, “português” ou 法文, *fǎwén*, “francês” ou compostos como 文坛 (文壇), *wéntán*, “círculos literários”/“mundo literário,” 文学 (文學), *wénxué*, literatura e um termo muitas vezes usado neste trabalho, 文言, *wényán*, “escrita/língua clássica chinesa.”

A grande proximidade entre os conceitos de cultura e de língua também fica clara na evolução da acepção “principal” da palavra 文 ao longo do tempo: “caractere escrito” → “literatura” → “refinado, com cultura”/“cultura.”

A seguir, os termos empregados atualmente pela linguística chinesa.

- 词 (詞), *cí* – “palavra.” 詞 novamente emprega o radical de “palavra”, ao passo que 司, *sī* fornece a indicação fonética. O termo 单词, *dāncí* também é usado e literalmente significa “palavra sozinha” ou “única palavra.”
- 声 (聲), *shēng* – “tom,” “som,” “voz.” 聲 é o que o “ouvido” (耳, *ěr*) percebe quando a “mão” (又, *yòu*) “bate” (几, *jǐ*)³³⁷ em um “malho” (声, *shēng*) (nota-se que no caractere simplificado tudo o que restou foi o “malho”). Novamente vemos alusões muito concretas, ao ato mesmo de produzir o som, o barulho. No chinês antigo o caractere estava mais associado o “volume do som,” ao “ressoar.”
- 句, *jù*; 句子, *jùzǐ*; 语句 (語句), *yǔjù* – “sentença.” 句 seria a “boca” (口, *kǒu*) “parada/emaranhada” (句, *jù*), que dá suporte fonético e foi redesenhado como *bāo*, 句). Podemos pensar na frase como o momento em que a fala para por um breve instante. É interessante observar que a escrita chinesa tradicional não tinha pontuação, e tal indicação de uma parada é basicamente sonora (se aceitarmos esta etimologia).
- 语系 (語系), *yǔxì* – “família” ou “sistema de línguas.”
- 语义学 (語義學), *yǔyìxué* – “semântica” (lit. “estudo do pensamento correto/significado da língua (falada)”)³³⁸ Como o caractere principal para a

³³⁷ O composto 戛, *shū*, no chinês antigo designava uma *alabarda*, ou *arma antiga*.

³³⁸ O caractere 义 / 義 será olhado mais em detalhe na seção a seguir.

“língua” ou “linguagem” remete à fala (veja acima), é inevitável que se pense na semântica como o estudo do “significado da fala.”

- 用语 (用語), *yòngyǔ* – “sintaxe” (lit. “uso da fala/linguagem”) e também 句法, *jùfǎ* (lit. “método das sentenças”) ou 句式, *jùshì* (lit. “estilo das sentenças”). Temos portanto duas alusões para as palavras que indicam “sintaxe,” uma como a forma e o estilo em que as sentenças são construídas, já a outra refere-se ao próprio uso da língua.
- 语音学 (語音學), *yǔyīn xué* – “fonética,” (lit. “estudo do som da fala”). Novamente parece que uma certa “concretude” está sempre associada a estes conceitos em chinês. Portanto a fonética (em chinês) não parece lidar com um conceito mais abstrato de sons tomados em sua dimensão articulatório-sensorial independentes de uma língua específica. Os sons estudados pela *yǔyīn xué* são os sons da fala *em chinês*.
- 音韵学 (音韻學), *yīnyùn xué* – fonologia, (lit. “estudo do som e da rima”). Na poética chinesa tradicional, *yīn* correspondia ao som consonantal inicial enquanto que *yùn* correspondia à rima e ao tom.³³⁹ São portanto termos que parecem apontar para uma análise fonética, pelo menos aquela que interessou à poesia. Assim, a fonologia nesta concepção, serviria aos interesses eufônicos da poesia. Não há nada parecido com o contraste entre a fonética e fonologia da linguística ocidental.³⁴⁰
- 音素, *yīnsù* – “fonema”. O caractere 素 cujas acepções dicionariadas apontam para “seda crua,” “branco,” “singelo” ou “simples,” tem sido usado no chinês contemporâneo como um sufixo que indica um elemento, especialmente na importação de palavras estrangeiras (como 维生素, *wéishēngsù*, “vitamina” ou 激素, *jīwsù*, “hormônio”). A tradução literal seria então “elemento do som.” Trata-se de uma construção moderna, muito provavelmente influenciada pelos conceitos da linguística ocidental.
- 形态 (形態), *xíngtài* – “morfologia,” “forma,” “padrão” ou “contorno” (lit. “a postura/instância” - 態 da “forma/aparência” - 形). É fácil perceber nesta palavra como a escrita chinesa se articula com a sua visão de linguagem. Não há em nenhum dos dois caracteres nenhuma indicação específica sobre a língua ou a linguagem. 形 é um caractere antigo com as alusões de “forma/formato,” “aparência,” “manifestação,” “imitação” (da aparência). Já 態 está ligado historicamente à “maneira,” “aparência.” Não são originalmente termos metalinguísticos, como vimos para sintaxe ou fonologia, mas parece que foram apropriados pela linguística chinesa influenciada pelas ideias ocidentais para falar da “forma das palavras.”
- 词素 (詞素), *cíwù* – “morfema.” Exatamente o mesmo processo de formação de “fonema” (音素, *yīnsù*), só que neste caso temos a curiosa tradução literal de “unidade da palavra” (ao invés de “significado”). Parece uma testemunha da

³³⁹ O caractere 韻 pode ser pensado com o “som” (音) que é “redondo” (*yuán*, 員 / 員), algum tipo de sinestesia entre o som toante/rímico e a forma redonda.

³⁴⁰ O termo *yīnyùn xué* e a própria fonologia surge na China com a notação fonética do *fanqie* na época da tradução do cânone budista. Veja-se: Casacchia, 1995, p.439.

dificuldade de separar os dois conceitos (“palavra” e “significado/morfema”) em chinês.³⁴¹ Outras possibilidades em chinês tem a mesma formação: 语素 (語素), *yǔsù*, “unidade da língua” (que ficaria mais confuso ainda para indicar morfema se traduzíssemos como “unidade da fala”) e 形态素 (形態素), *xíngtàisù*, seria tradução mais literal de todas, “unidade da forma/da morfologia.”

- 词位 , *cíwèi* – “lexema.” Literalmente: “o lugar da palavra.”

Metáfora e Literalidade

Iniciamos esta seção com algumas palavras do mandarim corrente para termos ligados ao sentido, metáfora e literalidade.

- 意义 (意義), *yìyì* - “significado,” “sentido:”
 - 意: “ideia,” “sentido,” “desejo” ou “intenção” → “som” (音 , *yīn*³⁴²) vindo do “coração” (心 , *xīn*);
 - 義: “justiça,” “retidão” ou “significado” → “carneiro” (羊 → 羊 , *yáng*) com o caractere para “eu” 我, *wǒ*, para a indicação fonética.

O uso dos dois caracteres juntos é do mandarim moderno, embora ambos já existissem no chinês antigo. Enquanto 意 remete ao *pensamento* e a *intenção*, a algo dentro do seu peito (coração), 義 dá a ideia de *retidão*, de considerar *correto*. Assim podemos interpretar o significado/sentido em chinês como o “pensamento correto.” Não parece muito claro o porquê do grafema que alude à “carneiro” no grafema complexo 義.

- 意思 , *yìsī* - “ideia,” “opinião” ou “significado” (思 : “pensar,” “considerar:” “campo” (田) sobre o “coração” (心)).
- 含义 (含義), *hányì* - “significado implícito,” “conotação,” “significado escondido” (含: “manter,” “conter” em sua “boca”, *kǒu* 口). É um uso moderno que também exprime uma imagem bastante concreta: o significado implícito/conotação é aquele que não sai da sua boca (é pensado, mas não articulado).

Vários termos podem ser usados para indicar *metáfora* ou algum tipo de analogia:

³⁴¹ Veja-se por exemplo: “A distinção entre estes dois conceitos (palavra e morfema) não é tão clara no chinês como para as línguas européias” (Sampson, 1985, p.146).

³⁴² É possível continuar a explorar a “etimologia” do caractere para “som”: 音 seria 言, *yán*, “palavra” alterada para significar “som.”

- 隱喻, *yǐnyù* - “metáfora,” “frase figurativa.” 隱: “esconder,” “escondido/secreto,” “latente/dormente.” 喻: “explicar,”³⁴³ “analogia,” “alegoria” (a “boca” 口 indicaria o significado e 俞, *yú*, traria somente sua contribuição fonética).
- 隱比, *yǐnbǐ* - “metáfora”; 比喻, *bǐyù*, “metáfora/analogia”, “figura de linguagem”, “símile” (比, *bǐ*, indica “comparar,” “comparação”).
- 喻义 (喻義), *yùyì* - “significado metafórico/análogo.”
- 暗喻, *ànyù* - “metáfora/analogia” “escondida”. 暗: “escuro”, “secreto”, “obscuro.”³⁴⁴
- 比拟 (比擬), *bǐnǐ* - “comparar,” “traçar paralelo;” “*match/* analogia/ metáfora”, “comparação.”

Todos os termos para metáfora implicam em um significado “escondido”, “secreto”, funcionando em termos de analogia, comparação. Já alguns termos para literal/literalidade:

- 字面, *zìmiàn* - “literal” (literalmente: “ao lado 面 do caractere 字”)
- 字面意义 (字面意義), *zìmiànyìyì* - significado literal, (lit. “significado ao lado do caractere”).
- 本义 (本義), *běnyì* - “sentido original”, “sentido literal” (本: “original”, “fonte” ou “base”).

Novamente aqui parece que estamos envolvidos com uma tarefa que se recusa em si mesmo: quão paradoxal não é falar da tradução literal de *metáfora* em chinês, ou, talvez ainda mais estranho, a tradução literal de *literal* em chinês! Embora sejam necessárias mais informações a respeito, parece que este teria também sido um conceito ocidental traduzido para o chinês: literal, habitando na letra, transformou-se em chinês em “ao lado do caractere.”

E, finalmente, para tradução:

- 意译 (意譯) - *yìyì*, “tradução do significado” (译 / 譯, “tradução”). O caractere tradicional 譯 pode ser interpretado com o radical de fala junto a 睪, *yì*, “espionar”

³⁴³ “explicar algo como sendo...”

³⁴⁴ Muitas vezes o “jogo etimológico” não parece apontar em nenhum direção. No caso de 暗, *àn*, o caractere se compõe dos caracteres para sol (日) e para som (音) e no entanto indica “escuridão.” A análise tradicional imputa a alusão significativa ao “sol” e o uso de 音 apenas no seu valor fonético (*yīn*)

fornecendo a indicação fonética. Todavia, 睪 por sua vez pode ser decomposto em 𠂔, o radical para “olho” e 幸, o caractere para “sorte,” “favor” ou “felicidade.” Poderíamos pensar na tradução com um “olhar feliz/favorecido sobre o que se fala.”

- 直译 (直譯) - *zhíyì*, “tradução literal,” “transliteração” (pelo som) de palavras estrangeiras. 直 pode ser interpretado como “correto,” “franco,” “direto,” “justo.” Uma tradução literal então para 直译 seria “tradução direta.”

Seria certamente recomendável o envolvimento de um falante nativo de chinês bastante fluente em português e com um conhecimento razoável de linguística ou semiótica para que ele ajudasse a continuar os caminhos que aqui foram introduzidos. Mas este seria o caminho “tradicional,” a tentativa de explicar uma língua através de outra, tarefa, que levada às últimas consequências dentro de uma certa ortodoxia estruturalista, seria julgada impossível. Não há tradução perfeita, mas tipos de reescrita e reescrever também é uma forma de escrever, de incorporar alguma coisa da língua objeto no texto fonte (e em suas acepções). Imagino que os caracteres chineses entretanto nos ajudem, em sua concretude e apelo estético “universal” a entrever um pouco da visão de linguagem dos chineses.

De qualquer forma, as tentativas tradutórias aqui realizadas parece que apontam para um caráter bastante *literal*, ou talvez até *concreto*, imbuído na língua chinesa. Os termos para metáfora aludem a um significado “escondido” e analogias (que também podem estar “escondidas”). Por outro lado, uma análise também “literal” da palavra metáfora nas línguas indo-européias também apontam para uma visão de significado como algo concreto, que pode ser escondido ou transportado: do latim *metaphora* “carregar”, “transportar”, do grego μεταφορά (*metaphorá*) “transferir,” que por sua vez advém de μετά (*meta*) “entre” + φέρω (*phero*), “transportar”, “carregar”.³⁴⁵ Tal origem literal está em perfeito acordo com a visão platônico-aristotélica dominante de metáfora como um desvio, um deslizamento de significado, de um algo para outro.

Enfim, julgar que podemos entender o uso metafórico hoje no sistema linguístico indo-europeu ou chinês por suas raízes etimológicas arrisca-se tornar-se um erro de confusão entre sincronia e diacronia e limitar as possibilidades

³⁴⁵ Wikipedia, <http://en.wikipedia.org/wiki/Metaphor>, acesso em 06/05/2010.

criativas da própria metáfora. Se por outro lado o objetivo não é explicar ou extrair o “significado” da metáfora em uma ou outra língua, aí poderíamos tentar extrair alguns *insights* de tais raízes. Há maior distância no português hoje, por exemplo, até o aspecto “escondido” da metáfora, nas raízes gregas.

Um dos termos-chaves, ao qual retornamos frequentemente, do pensamento chinês (como veremos na seção IV.5) é *concretude*. Os caracteres chineses são vistos de forma concreta e podemos dizer que a ciência e a filosofia chinesa se preocuparam em primeiro lugar com o concreto. Isso levou, como vimos, até mesmo a alguns teóricos da comunicação a julgar uma “inaptidão” do chinês em articular pensamento abstratos, “limitados” por sua escrita não-alfabética e portanto não analítica. Deixando de lado estas hierarquias etnocentristas, a natureza concreta dos caracteres parece ser uma realidade, como percebida pela tradição cultural e social chinesa. E se entendermos que a metáfora opera com imagens concretas para construir alusões abstratas, a escrita chinesa pareceria o instrumento ideal para esta operação metafórica, emprestando sua concretude a uma gama infinita de possibilidades alusórias. Isso poderia ser ao que se refere Fenollosa quando equipara a escrita chinesa à metáfora: “o uso de ‘imagens materiais’ para sugerir ‘relações imateriais’” (Campos, 1977, p.41).

O próprio processo diacrônico de evolução dos caracteres está intimamente ligado aos mecanismos metafóricos com o qual operam as linguagens, ao construir pontes simbólicas, extensões metonímicas e metáforas concretas no uso dos grafemas chineses para criar novos grafemas complexos e novas alusões de realidade.

A poesia é o campo *par excellence* onde a metáfora floresce e chega a ser mesmo inestimável. A poesia chinesa por exemplo, é repleta de alusões entre poemas, e usos de figuras de linguagem. Apesar dos seus 2500 anos de história e de todas as convulsões sociais e um número apreciável de dinastias pelo qual passou a China, o cânone chinês (os “clássicos chineses”) sempre teve um papel central naquela cultura, e serve até hoje como fonte para inúmeras alusões e referências, dos quais qualquer poeta clássico digno de nome deveria conhecer e memorizar. As histórias e poemas do cânone se convertem em “estórias-metáforas,” realizam pontes que os *literatti* chineses construíram na sua rede de alusões e “significados escondidos” (隱喻, *yǐnyù*).

Campos (1977, p.80-81), discutindo o pensamento chinês, fala que em chinês a oposição diametral (do ponto de vista teleológico) jakobsoniana entre a função poética e a função metalinguística se esvanece. O chinês oferece um método indicativo, permitindo transformar a equação metalinguística num efeito de paronomásia, impensável na lógica ocidental: observa-se aí a importância do significante, que na visão tradicional está circunscrito ao falar poético, agindo como possibilidade de indicação semântica e da via metafórica. Em outras palavras, seria como efetuar o “deslize” do significado preconizado na metáfora aristotélica, para o “deslize” do significante, na construção da metáfora-fonética, que assume papel integrante e fundamental na metalinguística chinesa.

Há muito mais o que explorar acerca dos mecanismos metafóricos que operam no nível da escrita na língua chinesa. Tal como nos mostra a extensa bibliografia disponível sobre a metáfora em geral, este é um assunto complexo que poderia ser mais explorado em relação ao chinês.

4.5. Pensando a Inserção da Escrita na Cultura Chinesa

A tradição oriental aparece de forma proeminente neste estudo, o que fica talvez óbvio na escolha pessoal do autor ao eleger o chinês como foco deste trabalho. É claro que tal escolha não foi feita de forma inconsequente e por mero capricho deste autor. Já foi exposto como a língua chinesa e, em especial, a escrita chinesa assumem um lugar ímpar entre as línguas do mundo devido às suas características tão particulares. Acredito que o vislumbre de uma verdadeira visão de alteridade só se opera com o intermédio da língua e da cultura chinesa, aí obviamente incluído o contato através da escrita chinesa. Por outro lado, os livros que tratam a língua e a escrita chinesa, em geral as consideram abstraídas do seu contexto histórico-cultural.

É preciso também absolutamente não confundir o termo *chinês* com *oriental*, embora neste capítulo eles possam estar sendo usados de maneira quase intercambiável. Por outro lado, a importância da influência da China na Ásia

Oriental não pode ser subestimada. Não só a China exportou o seu sistema de escrita para civilizações importantes como o Japão, a Coreia e o Vietnã, como foi através dela que se irradiaram as tradições culturais budistas (que por sua vez foram “importadas” da Índia) nativizadas na China à partir do século II dC, além da milenar tradição poética, dos clássicos chineses, da tradição confucionista com seus valores familiares e sociais, etc.

Estamos portanto aqui usando a China como um tipo de aproximação para o que chamamos de tradição oriental e que poderíamos considerar abarcando uma área aproximadamente correspondente a China, Coreias, Japão e Vietnã, exatamente as culturas que em algum momento adotaram a escrita chinesa. É importante todavia evitar a tentação de generalizações geográficas muito ousadas. Há enormes particularidades culturais e sociais em cada país e mesmo em suas culturas regionais. Tais regionalidades não foram objeto deste estudo e o termo “tradição oriental” deve então ser utilizado com parcimônia.

Até aqui neste trabalho procurei discutir o que se escreveu e se escreve a respeito dos pontos em contato e em comum entre a escrita chinesa e os sistema de cunho francamente fonético, bem como suas flagrantes diferenças. Todavia estas dissimilaridades não ocorrem somente circunscritas à escrita em si, mas também à maneira como a escrita foi percebida e estudada nas tradições gramatológicas. Em primeiro lugar, parece que há uma maior proximidade (em comparação com a tradição racionalista de fonte aristotélica no Ocidente) entre as visões de linguagem (e escrita) que adotam uma postura menos representacionista e as visões da metafísica oriental. Coulmas (2003) cita o pensamento do escritor e filósofo Liu Hsieh.³⁴⁶ Num relance superficial poderíamos até identificar em seu discurso paralelos com a cadeia aristotélica especular de significados, no que parece uma simples substituição de Natureza/Mundo Real pelo conceito de *Tao* (道): “quando a mente está trabalhando, a fala é pronunciada. Quando a fala é pronunciada, a escrita é produzida” (Coulmas 2003, p.4). Entretanto Liu Hsieh atribui um potencial criativo à escrita que não vislumbramos na visão tradicional ocidental: o filósofo diz que a escrita ilumina o Tao e é por ele inspirada. Parece

³⁴⁶ Liu Hsieh (*pīnyīn*: *liú xié*, 劉勰) foi um crítico literário que viveu no século V e seu tratado “A Mente Literária” é considerado o mais sistemático e abrangente trabalho na crítica literária chinesa, influenciando gerações de escritores e poetas.

que se abre a possibilidade para o poder da escrita não mediado pela fala, a expressão das ideias seja através da fala, seja (poeticamente?) através da escrita, uma relação que não é necessariamente unidirecional.

O trabalho de Liu Hsieh foi imensamente influente e nele vemos visões aparentemente conflitantes e contraditórias, que estão tão presentes no pensamento chinês. Sobre a escrita, o filósofo chinês diz:

- ela é circular: o Tao inspira a escrita e a escrita ilumina o Tao;
- ela é co-criativa: a escrita ilumina o Tao;
- ela é paralela: o que na mente é ideia expressa na fala é poesia / escrita é para registrar a realidade;
- ela é evocativa: não é isso que estamos fazendo quando corremos para escrever e gravar a realidade?³⁴⁷

Tais noções refletem de diversas maneiras a visão de mundo chinesa, noções estas que serão retomadas mais adiante nesta seção. Todavia, antes é importante um aparte.

Seria impossível e irresponsável pensar em trazer para este trabalho uma ideia detalhada sobre o mundo do pensamento chinês. Há entretanto alguns significantes chaves que podem ser evocados e que ajudam a compreender a relação íntima de certos aspectos da filosofia chinesa com a língua chinesa. Em primeiro lugar cabe trazer alguns termos-chave que retornarão ao nosso relato nas páginas que se seguem:

Dualidades e contradições: as contradições estão no âmago do pensamento chinês, sem que a elas procure ser dada uma resolução, mas sim que se habilite um convívio produtivo. Oposições e dualidades não são consideradas incompatíveis.

Prescrição, evocação e civilização: veremos como o pensamento chinês toma em geral uma linha prescritiva. O império chinês expande-se na sua atividade (melhor dizendo, na sua obrigação) civilizatória. E a escrita faz parte integral deste movimento como testemunho desse ímpeto civilizatório, dessa forma de levar os clássicos chineses para outros povos e para aqueles que ainda vivem sob a barbárie: “desde a época feudal, o chinês é uma língua de civilização.

³⁴⁷ Adaptado de “Liu Hsieh Grammarology”: <http://www.thinkartlab.com/CCR/2006/10/liu-hsiehs-grammarology.html>, acesso em 06/05/10

E merece sê-lo porque é o veículo de uma cultura original (...)” (Granet, [1934]1997, p. 33).

Eficácia e eficiência: não pode haver ação civilizatória sem eficiência. Como as prescrições são muito concretas e mundanas, seu resultado pode ser avaliado de acordo com os critérios desenvolvidos pela tradição de Sabedoria chinesa.

Concretude: na sua missão civilizatória e prescritiva, a preocupação é com o que acontece na realidade concreta. O espaço do abstrato se torna limitado:

(...) as categorias chinesas (...) podem surpreender-nos por adotar uma postura hostil perante qualquer abstração. Mas os chineses souberam destacar da hierarquia ou da eficácia uma lógica que se ajusta perfeitamente a seu gosto pelos símbolos concretos.³⁴⁸

Emblema: é a concretude do signo na sua força evocativa: “os chineses conferiam a seus emblemas um poder de representação que eles não distinguem de uma eficiência realizadora” (Granet, [1934]1997, p. 25).

De posse deste conjunto de significantes, podemos dar início a uma exploração introdutória sobre as principais características do pensamento chinês autóctone.

4.5.1. Sabedoria e Escolas

Na China, mais do que uma *Filosofia*, encontramos uma *Sabedoria*, uma *Tradição* que se exprimiu em obras muito diversas e que raramente se coloca de forma impositiva. Assim uma doutrina chinesa não deve procurar ser definida na sua articulação em torno de princípios dogmáticos, mas no destaque de uma fórmula ou receita central, uma *prescrição* para as ações e comportamentos “corretos”:

³⁴⁸ Granet, [1934]1997, p.27.

Se quisermos atingir a essência de uma “doutrina” chinesa, seria imprudente voltarmos a atenção para as ideias que seus adeptos parecem haver acolhido (...) mas [sim] procurarmos destacar uma espécie de fórmula-mestra ou receita central.³⁴⁹

É uma Sabedoria engajada, que não se foca no que é metafísico, mas sim na procura do entendimento de como o conhecimento do mundo pode ser utilizado no melhoramento humano e na prática da moral chinesa: “O pensamento humano tem por função não o conhecimento puro, mas uma ação civilizadora: seu papel é gerar uma ordem atuante e total” (Granet, [1934]1997, p. 27).

Ao mesmo tempo, as prescrições têm pretensões que beiram o universalismo. Na sua vontade de agir incontestemente, o que a Sabedoria prega não pode ser duvidado, e sim deve ser abraçado. Se não for assim, é preciso que suas conclusões sejam revistas: “Nenhuma receita tem valor, se não parecer possuir, ao mesmo tempo, uma essência singular e uma virtude de *panaceia*. Ela precisa apresentar-se como específica, mas proclamando-se *onivalente*” (Ibid., p. 20, meus grifos). O acesso às escolas (ou seitas) que se debruçaram sobre a procura destas panaceias se dá por meio de um conhecimento quase que esotérico, misterioso e profundamente vinculado à linguagem: “dar a conhecer as (...) atitudes próprias de uma Escola (...) equivale a tentar descobrir o segredo ou a *palavra-chave* outrora revelada aos adeptos” (Ibid., p.20, meu grifo).

“Toda Sabedoria chinesa tem fins políticos” (Ibid., p.20). As seitas e escolas propõem-se a realizar um modelo de vida e atividades que têm um alcance cósmico, para que esse ensinamento tenha real valor civilizatório. “Cada mestre professa uma Sabedoria que ultrapassa a ordem moral e até a ordem política: ela corresponde a uma certa atitude perante a civilização, ou uma receita de ação civilizadora” (Ibid., p.20).

O trabalho crítico deve ser dominado pelo estudo dos fatos sociais (políticos). A época em que as seitas surgiram deu-se no meio do período do esfacelamento da ordem feudal e da preparação para a nova ordem imperial. Duas doutrinas se destacam na história da China: a Taoísta e aquela que reivindica a autoridade de Confúcio.

³⁴⁹ Granet, [1934]1997, p.19.

As doutrinas chinesas carregam-se sempre de reflexos destas duas paixões: elas são pujantemente *sectárias* (proclamadoras da ordem universal exclusiva, portadoras da receita para o comportamento correto e da ortodoxia) e ao mesmo tempo vorazmente *sincretistas*, o que impede que se professe um *dogma*:

(...) [as doutrinas] compõem uma espécie de confederação invasora *cuja massa é ininterruptamente aumentada*, graças a uma decisão de anexação ou conciliação. Falta a esses tipos de conjuntos de ideias serem organizados e articulados.³⁵⁰

Como não ver neste movimento agregador, que se coloca em eterno crescimento, uma paralelo com o que ocorre no léxico da língua chinesa, em eterno estado de acreção? Uma “massa” de tradições que se acumula no entorno de uma linguagem, o que Granet chamou de um “sistema nacional de símbolos”:

Todas as Escolas de pensamento, em sua longa tradição de Sabedoria, nunca deixaram de pensar que o sistema nacional de símbolos (...) só poderia ser, em seu conjunto, ao mesmo tempo, adequado e eficaz: o que equivale a dizer que professavam em relação a ele a confiança que, para nós, no Ocidente, corresponde a *Razão*.³⁵¹

Em contraste com as “categorias primitivas” da lógica ocidental, observamos uma mentalidade, que superficialmente poderia ser tomada como “mística”, baseada na Ordem, na Hierarquia, na Universalidade Humanista, na prescrição para um Vida Correta e Harmônica.³⁵²

Esta visão impeliu os chineses a se afastar de uma física quantitativa e se isolar na busca do furtivo ou do singular, impor-se a “classificação mnemotécnica de um velho saber” e relegar ao segundo plano o “senso experimental” (Ibid., p.27). Porém, conquanto que fossem arbitrários, os arranjos sociais prescritos pela Sabedoria chinesa “repousa[m], não obstante, num esforço perseverante de adaptação experimental. Na origem das categorias chinesas se acha uma tentativa prolongadamente sustentada de organização da experiência” (Ibid., p.27).

Sua oposição se reflete naquela existente entre duas posturas preconcebidas das duas grandes Escolas: uma a favor de um naturismo de fundo mágico-místico (Taoísmo) e outro a favor de uma espécie de sociocentrismo de intenções positivas (Confucionismo), ambas inspiradas numa dupla tendência, ao mesmo

³⁵⁰ Granet, [1934]1997, p.21, minha ênfase.

³⁵¹ Ibid., p.26.

³⁵² O que não queira dizer que os chineses não souberam apreciar uma Lógica, adaptada para o seu gosto pelos símbolos concretos.

tempo voltada ao universo e ao humano, uma dualidade que se expande nas série de oposições que se completam na dialética chinesa:

naturismo (Natureza) X sociocentrismo (Sociedade & Cultura)

universismo X humanismo

sectarismo X sincretismo

polêmica X conciliação

particularismo X universalismo

Veremos adiante como estes paradoxos que não se resolvem espelham as contradições inerentes da língua chinesa e de sua escrita.

4.5.2. Textos Clássicos

Não se pode falar de escrita chinesa sem que se mencione, mesmo que de passagem, os grandes clássicos da tradição cultural chinesa. Não proponho aqui uma historiografia destes clássicos e a lista dos “4 livros” e os “5 clássicos” do Confucionismo ou os grandes livros do Taoísmo pode ser facilmente encontrada na internet ou qualquer livro introdutório sobre cultura chinesa. O objetivo aqui é destacar a importância destes livros e como a escrita, meio para a criação dos clássicos, toma um papel protagonista na história e cultura chinesa.

A leitura dos textos antigos, os textos clássicos e canônicos, é sempre acompanhada de comentários, guias para uma leitura “correta” de tais textos, exigida dos candidatos aos postos da meritocracia chinesa. Nenhum leitor (para todos efeitos, nenhum chinês), deveria ler um livro livremente, ele é sempre instigado e guiado pelas suas glosas.

O espírito de leitura crítica é portanto conduzido pelas glosas, que por sua vez se veem divididos entre *duas paixões*, reflexo das paixões sectárias e sincretistas citadas acima: “pela *polêmica*, que se inclina a conferir um valor irreduzível às interpretações opostas, e uma paixão pela *conciliação*, que sempre impede uma definição rigorosa” (Granet, [1934]1997, p.16). Nesta leitura não é fácil distinguir a visão “original” de suas ideias. Não é possível destacar a história

de suas relações reais: a história é aquela que é mostrada nos textos canônicos e em seus comentários.

Algumas obras célebres (...) compõem-se de uma sucessão de adágios, [e] tomados em seu sentido literal, elas parecem vazios, extravagante ou banais: é fato, porém, que, durante longos séculos e ainda nos dias atuais, esses livros inspiraram *exercícios* de meditação ou mesmo uma *disciplina* de vida.³⁵³

Em sua argumentação, os pensadores chineses não cogitam o uso de outras ferramentas para arregimentar seguidores e propagar suas ideias que não seja através de historietas veneráveis, lendas e temas míticos. Há uma notável independência do que ocidentalmente chamamos de *ciência* e uma enorme liberalidade com o que chamamos de *realidade*. A realidade, como a história, seria a maneira como ela é vista pelos clássicos, pela tradição da sabedoria.

Sempre procurando paralelos com a língua chinesa, acredito que esta “fluidez” na interpretação da história e do real é muito condizente com a visão de uma relação também fluida entre significante e significado, do notório deslizamento dos significantes. Não aceitar dogmas definitivos externos à Sabedoria mapeia-se diretamente sobre a não aceitação do significado como externo à Linguagem.

4.5.3. Cosmologia

Se não se aceita na tradição chinesa uma realidade exterior à Sabedoria, a cosmologia chinesa deverá naturalmente exterminar fronteiras entre a sociedade e a natureza:

A representação que os chineses têm do Universo (...) se liga às primeiras tentativas de classificação do pensamento chinês. Deriva de uma crença extremamente arraigada: o Homem e a Natureza não constituem dois reinos separados, mas *uma única sociedade*. (...) A Ordem universal se realiza graças a uma participação ativa dos seres humanos. (...) Em lugar de uma Ciência que tivesse por objetivo o conhecimento do Mundo, os chineses conceberam uma

³⁵³ Granet, [1934]1997, p.20.

Etiqueta de vida, que eles supõem suficientemente eficaz para instaurar a *Ordem total*.³⁵⁴

A categoria da *Ordem*, da *Totalidade*, é a categoria suprema do pensamento chinês e tem com símbolo o Tao:

道

O Tao é um emblema essencialmente *concreto*. Sua função soberana evidencia o fato de que o pensamento chinês recusou-se a distinguir o lógico e o real. Ele desprezou os recursos de clareza trazidos ao espírito por uma lógica da extensão e uma física da quantidade. Não quis considerar os Números, o Espaço ou o Tempo como abstrações. Por isso não julgou útil constituir categorias abstratas, como nossas de Gênero, Substância e Força³⁵⁵

A totalidade do Tao se reveste de uma legitimidade quando o vemos em todo o seu esplendor iconográfico, como se o caractere se tornasse imbuído de um poder mágico-místico que transgride limites e categorizações. Mal comparando, poderíamos pensar no impacto verdadeiramente religioso que sente o cristão crédulo diante da força do “significante” da cruz:



As abstrações ocidentais cedem espaço à concretude emblemática do Tao, do Yin e do Yang:

道，陰，陽

Tais emblemas tem a como função animar, juntos, os aspectos antitéticos da Ordem Universal: evocam a ordenação rítmica que rege a vida no mundo: “O pensamento chinês parece totalmente dominado pelas ideias conjuntas de ordem, totalidade e ritmo” (Granet, 1934:1968, p.25).

³⁵⁴ Ibid., p.24, meus grifos.

³⁵⁵ Granet, [1934]1997, p.25.

4.5.4. Fala e Escrita

É proveitoso e interessante aproveitar a análise de Granet sobre a língua chinesa pela aguda sensibilidade que o autor tem da cultura chinesa. A língua chinesa, em sua visão, parece que não se organiza para exprimir conceitos. Ela evita os signos e ideias abstratos e

prefere símbolos ricos em sugestões práticas: estes, em vez de uma acepção definida, possuem uma eficácia indeterminada: não visam a permitir identificações precisas, mas sim, acompanhando uma adesão global do pensamento, uma espécie de conversão total de conduta. Assim convém romper com a tendência ainda preponderante a traduzir esses emblemas, carregados de juízos de valor, nos quais se exprime uma civilização original, por expressões tomadas de empréstimo (...) dos filósofos do Ocidente.³⁵⁶

Tentar reduzir os caracteres chineses a toscas traduções ocidentais significa cortar a veia umbilical que os une à fonte do seu poder transformador. Significa, numa linguagem mais poética, cortar as asas dos significantes-emblemas e prendê-los na gaiola do significado.

A língua chinesa teria uma “força admirável para comunicar um impacto sentimental (...) [P]ouco importava exprimir claramente as ideias. Desejava-se, antes de mais nada (...) exprimir a própria vontade” (Granet, [1934]1997, p. 33).

Como a linguagem, que se confunde com a filosofia e atividade cultural, visa a ação, ela “não se preocupa de modo algum com noções explícitas ou raciocínios formais” (Ibid., p.34). É neste contexto que se pode pensar a palavra, que, em chinês,

é algo totalmente diverso de um signo que sirva para a notação de um conceito. Não corresponde a uma noção cujo grau de abstração e generalidade se faça questão de fixar (...) Ela evoca um complexo indefinido de imagens particulares.³⁵⁷

Granet praticamente repete as palavras de Fenollosa, quando dá um exemplo para a palavra *velho* em chinês (老, *láo*), que “mesmo quando empregada na forma nominal (...) preserva uma espécie de valor vivo. Não deixa de evocar uma ação e continua a ser essencialmente um verbo” (Ibid., p.35). A “língua viva” que

³⁵⁶ Granet, [1934]1997, p.15

³⁵⁷ Ibid., p.34.

é o chinês estaria sempre “em movimento”, e sua identificação verbo/nome que tanto impressionou Fenollosa aparece aqui totalmente inserido no papel ativo, evocador e criativo da linguagem promovido por Granet. Isso é perfeitamente resumido na seguinte frase do pensador francês: “[os chineses] parecem fazer questão de que cada palavra de sua língua os convide a sentir que a fala é um ato” (Ibid., p.36). E, em total consonância com uma visão pragmática radical, diz Granet: “Dizer que [a palavra] exprime [uma essência] é pouco: *ela a convoca*, traz essa essência para a realidade. Saber o nome, dizer a palavra, é possuir o ser ou criar a coisa” (Ibid., p.36).

Num exemplo do autor francês ele mostra com a vida chinesa é regulada e controlada pela Etiqueta e seu complexo conjunto de regras sociais. À medida que os procedimentos se tornavam mais complexos, a linguagem ia se enriquecendo com novos termos lexicais, “permitindo que a cada situação correspondesse um termo protocolar correto (...)” (Granet, [1934]1997, p.37). O enriquecimento lexical não tem qualquer relação com a necessidade de clareza na descrição do protocolo, ele antes de tudo *cria* o protocolo e torna-o mais eficiente, mais adequado para os procedimentos corretos que devem ser seguidos.

Especificamente sobre a escrita Granet desenvolve sua visão do caractere “emblemático.” Para o autor a discussão sobre se há ou não foneticidade na escrita chinesa é estéril, pois o que ela tem por mérito é a sua força prática, e não intelectual. A exaltação do poder da escrita é tão grande que o autor cogita se a forma “ideográfica” da escrita não estaria por trás como um dos fatores que “impedem” possíveis processos de derivação flexional na língua chinesa.

É comum no Ocidente considerarmos a língua literária (escrita) como morta ou erudita, desligada da fala. “O chinês, tal como é escrito, busca antes de mais nada os efeitos de ação que parecem reservados à palavra viva” (Granet, [1934]1997, p.22). Essa aproximação da escrita clássica com a língua viva acaba por paradoxalmente apontar para a importância do ensino oral. A formação da linguagem filosófica chinesa em suas origens está longe de ser uma formação livresca, mas sim advém de uma tradição oral e pragmática de ensino. Ela também joga com uma aparente contradição que foi muito explorada pelos críticos da escrita chinesa e da “capacidade de abstração” do pensar chinês: a distância da língua escrita em relação à língua falada. Parece que essa distância opõe a língua

“morta” (antiga, livresca, mofada, ultrapassada, enfim, *escrita*) à língua “viva” (pujante, em transformação, fresca, atual, enfim, *falada*), mas o que Granet nos mostra é justamente o oposto: é na escrita que também encontramos os efeitos da palavra viva. Por isso que a linguagem dos filósofos não é livresca, mas sim pujante e cheia de vida.

Granet não intenciona fazer um estudo linguístico ou literário da língua chinesa, mas ele a vê como ponto de partida para expor o que chama de “certas inclinações do espírito chinês” (Ibid., p.23). Sua análise o levou a fazer duas observações importantes sobre a língua:

[O]s chineses, de um lado, parecem evitar todos os artifícios que tendem a expressão verbal das ideias para economizar as operações mentais; eles desprezam as formas analíticas; não empregam nenhum sinal a que confirmem apenas o simples valor de um signo; desejam que, em todos os elementos da linguagem – vocábulos e grafias, ritmos e máximas – cintile a eficiência própria dos *emblemas*. Querem que, escrita ou falada, a expressão *figure* o pensamento, e que esta figuração *concreta* imponha o sentimento de que exprimir, ou antes, figurar, não é apenas, simplesmente evocar, mas *provocar, realizar*.

Se os chineses, por outro lado, reivindicarem para a linguagem uma eficiência tão perfeita, é porque não a separam de um vasto sistema de atitudes destinadas a permitir aos homens *figurarem*, em seus diversos aspectos, a ação civilizatória que pretendem exercer sobre todos os domínios humanos, inclusive o Universo.³⁵⁸

Novamente é possível fazer paralelos e conexões entre o que nos expõe Granet e o que já foi visto neste trabalho. Primeiro, parece apontar para uma visão representacionista/pictográfica (“a expressão figura o pensamento”), mas o autor logo subverte esse caminho ao trazer novamente à baila o aspecto performativo e emblemático da linguagem, e em especial, da escrita chinesa. Sua linguagem não se limita à representação, e nem mesmo somente à evocação, pois ela *provoca* e *realiza*. No seu segundo ponto, vemos como a linguagem está inserida no sistema de Sabedoria chinesa, pois ela não só interpreta o que vemos, como também é instrumento de transformação, de ação civilizatória. É ela que figura, que dá imagem, que dá contorno, a esta ação civilizatória.

E em segundo lugar, chama a atenção o desprezo pelas “formas analíticas,” aquelas que conferem “o simples valor de um signo.” Retomamos esta tendência “não analítica” chinesa em outras partes deste trabalho, especialmente ao falar de quão “não analítica” seria a fonologia chinesa.

³⁵⁸ Granet, [1934]1997, p.23, meus grifos.

Finalmente, deve-se destacar um aspecto da língua chinesa que será retomado bem mais tarde pelos estudiosos mais esclarecidos e no qual parece que Granet foi um dos pioneiros: na interdependência entre fala e escrita na China, na sua complementação:

Símbolos igualmente poderosos, os sinais da escrita e os sinais vocais (...) são considerados estritamente solidários. (...) Solidário de um sinal vocal em que se faz questão de ver um valor emblemático, o sinal gráfico em si é considerado como uma figuração adequada (...) [E] dadas essas propensões do espírito, a escrita não precisa ser ideográfica no sentido estrito da palavra. Inversamente, não pode prescindir de ser figurativa. Por conseguinte, a fala está ligada à escrita por um destino comum.³⁵⁹

Há uma complementação perfeita entre escrita e fala, que só poderia ocorrer entre essa escrita e essa fala (ambas chinesas), não uma subordinação, porém também não uma independência, mas uma co-dependência.

E cada vez mais ao longo do seu texto, Granet parece que vai adquirindo uma aura fenollosiana. Para o autor, o sentido do uso correto da escrita (e da linguagem) opera no âmago do “sentimento de civilização e a consciência do valor etimológico dos sinais” (Granet, [1934]1997, p.43). Como comentado na seção IV.3 sobre iconicidade da escrita chinesa, a posição de Fenollosa (compartilhada por Haroldo de Campos) está em aparente total sintonia com o autor francês, para quem os processos de expressão da língua chinesa não dependem de uma simbolização através da “arte realista do desenho” (ou seja, um mero procedimento imitativo). Para Confúcio, diz Granet,

uma representação pode ser adequada sem procurar reproduzir todas as características próprias do objeto. Ela o é quando, de um modo estilístico, faz surgir uma atitude julgada característica ou significativa (...) sugerida pela representação esquemática (...)

O emblema gráfico registra (...) um gesto estilizado. Tem um poder de evocação *correto* pois o gesto que representa (...) é um gesto de valor *ritualístico* (ou, pelo menos sentido como tal). Provoca o aparecimento de um fluxo de imagens que permite uma espécie de *reconstrução etimológica* das noções. Essa reconstrução (...) nada tem em comum (...) com o que um erudito chamaria de pesquisa etimológica.³⁶⁰

³⁵⁹ Ibid., p.42, meus grifos.

³⁶⁰ Granet, [1934]1997, p.43. grifos do autor.

Sinto que são palavras que poderiam ter sido escritas pelo orientalista americano, até no reconhecimento de qual foi aquela das artes antigas que mais se beneficiou da riqueza e potencial da escrita “ideográfica” chinesa:

Desde muito cedo a arte dos escritores e *sobretudo a dos poetas* pareceu prender-se à abundância dos sinais gráficos (...) É de se supor que os poemas, em sua recitação, *falassem aos olhos* (...) graças ao acionamento de uma memória gráfica que reproduziria a memória verbal (...): as palavras nunca se tornaram simples sinais.

A escrita figurativa ajudou a maioria das palavras a preservar, com uma espécie de frescor e com o caráter de *palavras vivas* todo um poder de expressão concreta. Conservada (...) ela impediu o vocabulário de formar um material abstrato.³⁶¹

Diante desta apresentação, me parece que fica mais fácil acompanhar algumas propostas feitas por Campos no livro *Ideograma* (1977). O autor escreve:

em lugar de uma “lógica de identidade”, o pensamento chinês responderia a uma “lógica da correlação” ou da “dualidade correlativa,” onde os opostos não são excluídos, mas integrados numa inter-relação dinâmica, mutuamente complementar.³⁶²

Em chinês, o interesse está no inter-relacionar dos signos, não na substância (este “significismo”, projeção da ideografia, parece-lhe mesmo a base da cosmologia chinesa tradicional).³⁶³

Esta lógica relacional é a interpretação do autor para o filosofia dialética chinesa que foi apresentada acima. O jogo das dualidades parece que reforça os dois polos ao invés de tentar anulá-los. E a partir do momento em que o interesse se projeta sobre a teia relacional, a substância de fundo se torna desnecessária.

³⁶¹ Ibid., p.44-5. grifos do autor.

³⁶² Campos, 1977, p.78.

³⁶³ Ibid., p.79.